UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO GRANDE DO NORTE
SECRETARIA DO ESTADO DA EDUCAÇÃO E DA CULTURA - SEEC
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO - PROEG
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA – DFI
CURSO DE LICENCIATURA EM FILOSOFIA
CAMPUS AVANÇADO DE CAICÓ - CAC

DANIELY MEDEIROS RODRIGUES

FILOSOFIA E FILOSOFIAS COM MULHERES DESDE ANTIGUIDADE CLÁSSICA À CONTEMPORANEIDADE: MEMÓRIAS HISTÓRICAS AUTOBIOGRÁFICAS E BIOGRÁFICAS

CAICÓ

2024

DANIELY MEDEIROS RODRIGUES

FILOSOFIA E FILOSOFIAS COM MULHERES DESDE ANTIGUIDADE CLÁSSICA À CONTEMPORANEIDADE: MEMÓRIAS HISTÓRICAS AUTOBIOGRÁFICAS E BIOGRÁFICAS

Monografia apresentada ao Departamento de Filosofia -DFI do Campus Avançado de Caicó – CaC da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, como requisito final de avaliação do Componente Curricular de Trabalho de Conclusão de Curso III - TCC III do Semestre Letivo 2024.2 do Curso de Licenciatura em Filosofia.

Orientador: Dr. Shirlene Santos Mafra Medeiros

CAICÓ

2024

© Todos os direitos estão reservados a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do(a) autor(a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei n° 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei n° 9.610/1998. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu(a) respectivo(a) autor(a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

Catalogação da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

R696f Rodrigues, Daniely Medeiros.
Filosofia e filosofias com mulheres desde antiguidade clássica à contemporaneidade: memórias históricas autobiográficas e biográficas. / Daniely Medeiros Rodrigues. - Universidade Estadual do Rio Grande do Norte Campus Avançado de Caicó, 2024.
75 pág.

Orientador(a): Profa. Dra. Shirlene Santos Mafra Medeiros.
Monografia (Graduação em Filosofia). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Filósofas. 2. memória. 3. história da filosofia. 4. invisibilidade. I. Medeiros, Shirlene Santos Mafra. II. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) foi desenvolvido pela Diretoria de Informatização (DINF), sob orientação dos bibliotecários do SIB-UERN, para ser adaptado às necessidades da comunidade acadêmica UERN.

DANIELY MEDEIROS RODRIGUES

FILOSOFIA E FILOSOFIAS COM MULHERES DESDE ANTIGUIDADE CLÁSSICA À CONTEMPORANEIDADE: MEMÓRIAS HISTÓRICAS AUTOBIOGRÁFICAS E BIOGRÁFICAS

Monografia apresentada ao Departamento de Filosofia -DFI do Campus Avançado de Caicó – CaC da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, como requisito final de avaliação do Componente Curricular de Trabalho de Conclusão de Curso III - TCC III do Semestre Letivo 2024.2 do Curso de Licenciatura em Filosofia.

Aprovada em: ___/___/___.

Banca examinadora

Profa. Dra. Shirlene Santos Mafra Medeiros (Orientadora)
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN

Prof. Dr. José Eudo Bezerra (1º. Examinador)
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN

Profa. Dra. Ana Monique Moura de Araújo (2º. Examinadora)
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN

AGRADECIMENTOS

Chegar ao fim desta jornada foi um desafio que exigiu resiliência, dedicação e muita coragem. Por isso, este momento de gratidão é essencial, pois nenhuma conquista se faz sem apoio, inspiração e força.

Primeiramente, agradeço à minha família, que sempre esteve ao meu lado, me incentivando e acreditando em meu potencial, mesmo nos momentos em que duvidei de mim mesma. O amor e a força que recebi de vocês foram fundamentais para que eu nunca desistisse.

À minha orientadora, Dra. Shirlene Santos Mafra Medeiros, expresso minha profunda gratidão. Sua paciência, sabedoria e orientação foram faróis em meio às dificuldades deste percurso. Obrigada por acreditar no meu trabalho e por me guiar com tanto zelo e dedicação.

Às minhas amigas e colegas, senão quase irmãs Mariana Leticia Pereira dos Santos Toscano e Ana Natalia de Brito Silva, sou grata pelo apoio, pelas conversas que aliviaram as tensões e por estarem ao meu lado em cada etapa desta caminhada. A amizade de vocês foi um alento e um estímulo constante para seguir em frente.

Por fim, sou grata aos meus esforços e a minha dedicação na jornada de todo trabalho escrito. Esta caminhada foi repleta de desafios, momentos de dúvida e cansaço, mas também de superação e aprendizado. Reconheço a força que tive para chegar até aqui e o esforço que dediquei a cada página desta monografia. Mais do que um ponto final, este momento é um marco de tudo o que fui capaz de conquistar, apesar de tudo. A todos que, de alguma forma, fizeram parte desta trajetória, meu mais sincero obrigado. Esta vitória é também de vocês.

RESUMO

O presente trabalho "Filosofia e Filosofias com Mulheres - desde antiguidade clássica à contemporaneidade: memórias históricas autobiográficas e biográficas" apresentado à UERN explora as causas e consequências da exclusão e invisibilidade das mulheres na história da filosofia, desde a antiguidade clássica até a contemporaneidade, com base na perspectiva hermenêutica de Paul Ricoeur. A pesquisa destaca como a marginalização das mulheres no campo filosófico resultou da ausência de reconhecimento institucional e social, prejudicando a preservação de suas memórias e contribuições. Essa exclusão é atribuída, em parte, aos estereótipos de gênero e preconceitos que relegaram as mulheres a um papel inferior, invisibilizando suas realizações intelectuais. O estudo busca reconstruir e valorizar a memória histórica, autobiográfica e biográfica das filósofas, como Aspásia de Mileto, Marguerite Porete e Hildegarda de Bingen, entre outras, cujas ideias enriqueceram a filosofia, mas foram frequentemente ignoradas ou apropriadas por contemporâneos homens. A pesquisa propõe um diálogo crítico com a historiografia tradicional para evidenciar o impacto dessas pensadoras no desenvolvimento do pensamento filosófico, desafiando o silenciamento histórico imposto às filósofas mulheres. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa, que adota como fundamentos teórico-metodológicos o interacionismo simbólico, as memórias biográficas e autobiográficas, conforme apresentado por Mafra Medeiros (2016) com base no pensamento de George Herbert Mead, e a perspectiva hermenêutica de Paul Ricoeur (2012), na obra *Memória, História e Esquecimento*. Os estudos percorrem as memórias autobiográficas e biográficas numa abordagem interdisciplinar, que articula a história das filósofas mulheres e suas interfaces com a filosofia e a literatura. Nessa perspectiva, o trabalho enfatiza a importância de rememorar essas figuras para construir tempos históricos e narrativas mais inclusivas e plurais na filosofia, além de recuperar, como ressalta Mafra Medeiros, as memórias apagadas de vozes silenciadas e esquecidas. Nesse sentido, a pesquisa também questiona as estruturas de poder e exclusão, oferecendo uma análise crítica que enriquece o diálogo filosófico contemporâneo e inspira futuras gerações a reconhecer e valorizar a diversidade de vozes no campo filosófico.

Palavras Chaves: filósofas; memória; história da filosofia; invisibilidade

ABSTRACT

The present work, *"Philosophy and Philosophies with Women - From Classical Antiquity to Contemporary Times: Historical, Autobiographical, and Biographical Memories,"* presented to UERN, explores the causes and consequences of the exclusion and invisibility of women in the history of philosophy, from classical antiquity to contemporary times, based on Paul Ricoeur's hermeneutic perspective. The research highlights how the marginalization of women in the philosophical field resulted from the lack of institutional and social recognition, hindering the preservation of their memories and contributions. This exclusion is partly attributed to gender stereotypes and prejudices that relegated women to inferior roles, rendering their intellectual achievements invisible. The study seeks to reconstruct and value the historical, autobiographical, and biographical memory of women philosophers, such as Aspasia of Miletus, Marguerite Porete, and Hildegarda of Bingen, among others, whose ideas enriched philosophy but were often ignored or appropriated by male contemporaries. The research proposes a critical dialogue with traditional historiography to highlight the impact of these thinkers on the development of philosophical thought, challenging the historical silencing imposed on women philosophers. This is a bibliographical research project with a qualitative approach, grounded in symbolic interactionism, biographical and autobiographical memories as presented by Mafra Medeiros (2016) based on George Herbert Mead's thought, and Paul Ricoeur's hermeneutic perspective in *Memory, History, Forgetting* (2012). The study traverses autobiographical and biographical memories through an interdisciplinary approach that connects the history of women philosophers with their intersections in philosophy and literature. From this perspective, the work emphasizes the importance of recalling these figures to construct more inclusive and plural historical times and narratives in philosophy. It also aims to recover, as highlighted by Mafra Medeiros, the erased memories of silenced and forgotten voices. In this sense, the research also questions structures of power and exclusion, offering a critical analysis that enriches contemporary philosophical dialogue and inspires future generations to recognize and value the diversity of voices in the philosophical field.

Keywords: women philosophers; memory; history of philosophy; invisibility

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO..... 8
2 MEMÓRIA HISTÓRICA E ESQUECIMENTO DAS MULHERES NA FILOSOFIA: ANTIGUIDADE CLÁSSICA..... 14
2.1 Filósofas Mulheres da Antiguidade Clássica..... 20
2.2 Aspásia de Mileto - mestra de Sócrates, possivelmente sofista e uma hetaera..... 24
2.3 Presença e Significado das Filósofas na Era Clássica da Filosofia..... 30
3 A INVISIBILIDADE DAS FILÓSOFAS MULHERES NA IDADE MÉDIA E SUA BUSCA POR CONHECIMENTO..... 33
3.2 Marguerite Porete - A mística das palavras divinas condenada por heresia..... 39
3.2 Contribuições das memórias históricas das filósofas mulheres medievais e a luta contra a invisibilidade..... 43
4 O RECONHECIMENTO SOCIAL DAS FILÓSOFAS NA MODERNIDADE E NA CONTEMPORANEIDADE..... 48
4.1 Anne Conway - A teoria da substância única e sua crítica ao dualismo Cartesiano..... 54
4.2 Rita M. Radl Philipp - Reflexões Filosóficas sobre a Educação e a Violência de Gênero 61
5 CONCLUSÕES FINAIS..... 69
REFERÊNCIAS..... 71
APÊNDICE..... 75

1 INTRODUÇÃO

O trabalho monográfico tem como objetivo investigar e analisar de forma crítica, por meio dos fundamentos teóricos hermenêuticos de Paul Ricœur (2012) e Medeiros (2016), das memórias autobiográficas, biográficas sobre as causas e consequências do esquecimento, da exclusão e da invisibilidade das memórias das mulheres filósofas na história da filosofia, desde antiguidade clássica à contemporaneidade. Ao analisarmos os motivos que ocasionaram o esquecimento, a invisibilidade e a exclusão das mulheres no campo filosófico, nota-se que este é um fenômeno manifestado primordialmente no campo acadêmico, decorrente da ausência de reconhecimento e validação as contribuições que essas mulheres trouxeram ao pensamento filosófico. Mas devemos tentar problematizar e nos questionarmos sobre quais as contribuições das mulheres filósofas para o desenvolvimento do pensamento filosófico da antiguidade clássica à contemporaneidade? Por que essas mulheres filósofas foram esquecidas e silenciadas na história da filosofia? De que forma podemos reconstruir a memória histórica e demonstrar a relevância que as mulheres tiveram e continuam tendo na filosofia? Essas são as problemáticas e questões que tentaremos debater ao longo do trabalho acadêmico.

É importante destacar que, ao traçarmos um panorama filosófico desde a antiguidade clássica até os tempos contemporâneos, observa-se uma persistente reprodução de estereótipos e preconceitos de gênero. Esses preconceitos frequentemente subestimam ou desqualificam as contribuições de filósofas mulheres, relegando-as a um status de inferioridade ou presumindo uma falta de capacidade intelectual para participar de debates filosóficos. Tal perspectiva ignora não apenas a competência, mas também o impacto significativo das filósofas no campo da filosofia.

As reflexões e as inquietações que deram origem ao Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, nasceram de uma indignação pessoal diante da ausência da presença das filósofas nos livros didáticos, nos currículos acadêmicos, e da raridade com que suas obras e pensamentos são debatidos nas salas de aulas. Nos estudos dos componentes curriculares de: Laboratório do Ensino de Filosofia III, foram feitas “Colheitas Filosóficas[1]”, discutidos sobre as filósofas mulheres e filósofas negras para proporcionar-lhes visibilidade às filósofas mulheres, suas filosofias e construções de “Dicionários Filosóficos”, como Produto Técnico e Tecnológico –

[1] Termo utilizado pela Profa. Dra. Shirlene Santos Mafra Medeiros no Programa Geral do Componente Curricular – PPC para pesquisas sobre os estudos biográficos e autobiográficos das filósofas mulheres por sua invisibilidade.

PTT[2]; no componente curricular ministrado pela primeira vez em 2023.2, “Filosofia Social, Educação e Gênero do DFI – CaC, percebe-se a existência de estudos sobre as Filósofas mulheres nas obras de Juliana Pacheco, Rita Maria Radh Philipp, Sueli Carneiro, Grada Kilomba, dentre outras, mas precisaria inserir outras filósofas e suas obras no tempo histórico.

Desde a infância, tive grande interesse em conhecer as histórias e vivências de figuras históricas femininas, o que despertou em mim a curiosidade sobre as mulheres que contribuíram para a construção do conhecimento, incluindo aquelas que desafiaram as barreiras de sua época e tiveram suas memórias apagadas. Quando o momento de escolher a temática deste trabalho chegou, não hesitei em optar por investigar a trajetória e as obras das filósofas mulheres, motivada tanto pelo interesse acadêmico quanto pela curiosidade pessoal de uma mulher que busca conhecer melhor as pensadoras que a antecederam.

Deste modo, o presente trabalho visa, por meio de um ponto de vista pessoal e acadêmico, rememorar e investigar a filosofia e as filosofias elaboradas por mulheres filósofas, que foram marginalizadas e silenciadas em seus contextos históricos por diversos fatores e preconceitos ao longo da história da filosofia. Assim a monografia se baseia em uma recuperação da memória histórica autobiográfica, biográfica e bibliográfica dessas figuras femininas que desempenharam um papel fundamental na produção e difusão do pensamento filosófico, feita metodologicamente através de pesquisas e leituras analíticas sintrópica dos textos, com os quais subsidiaram para a realização desta pesquisa, e consequentemente da escrita deste trabalho monográfico.

Com efeito, o objetivo deste estudo é (re)construir e valorizar o legado das mulheres filósofas que foram marginalizadas, ignoradas ou sexualizadas pela historiografia dominante. Buscamos, portanto, evidenciar as contribuições originais e relevantes dessas pensadoras, muitas vezes foram usurpadas ou atribuídas indevidamente a outros autores, sobretudo aos seus contemporâneos homens.

Como sempre me identifiquei como uma mulher curiosa pela história do mundo, principalmente quando se sentava-me para ler um livro, seja ele de fantasia, crônicas ou um romance tendia a escolher aqueles que tinha as protagonistas femininas. narrativas que por vezes se tornavam muito mais interessantes, como Éowyn uma donzela guerreira é a única

[2] O Produto Técnico e Tecnológico – PTT, é um objeto tangível, com elevado grau de novidade para aplicação de novos conhecimentos oriundos das Colheitas Filosóficas.

personagem capaz de matar o rei bruxo em *"Senhor dos Anéis o Retorno do Rei"* (1955) de J.R.R. Tolkien; conseguindo esse feito devido uma combinação de coragem, circunstâncias e uma antiga profecia. Na profecia dizia que 'nenhum homem vivo' poderia matar o Rei-Bruxo, e ela por ser mulher e não um homem conseguiria derrotá-lo. Ou quando me senti muito mais envolvida e comovida pelo dilema vivido por Fantine em *"Os Miseráveis"* (1862) de Victor Hugo; achando que a história de uma mãe solteira que recorre às medidas mais extremas e humilhantes para proporcionar o mínimo de bem-estar para sua amada filha. Quando li pela primeira vez *"As crônicas de gelo e fogo"* (1996-2011) de George R. R. Martin, me pegava pulando certos parágrafos e páginas até que chegassem as partes onde o destaque eram Daenerys Targaryen que começou sua jornada como uma exilada sem recursos, mas que superou até mesmo as conquistas de seus antepassados.

Nessa etapa de rememoração, Medeiros (2016) explica que ao falar da memória é ressaltar sobre as experiências vividas, os fatos narrados das lembranças e reminiscências, "sublinha que toda descoberta inicia com as experiências que devem ser enunciadas em termos biográficos do descobridor. Dessa forma, o pesquisador é apto de escrever ressalvas, insinuações e descobertas que muitos não visualizam a partir das suas experiências sociais publicizando-as. (Medeiros, 2016, p. 24).

Essas histórias, e posso dizer, até memórias, me fizeram estar constantemente pensando sobre quem era realmente aquela personagem, como seriam as suas memórias e histórias de vida ou como elas em próprio punho e vozes revelaram-se. A partir daí, também enchi-me de curiosidades sobre aquelas que estavam por trás das páginas, aquelas que ao longo da história muitas vezes tiveram que recorrer a um pseudônimo masculino para terem ao menos a possibilidade de publicar suas obras.

Por esse motivo, uma das primeiras coisas que pensei ao ingressar no curso de filosofia foi procurar conhecer as mulheres que participaram da história da filosofia, conhecer as ideias e os pensamentos de mulheres, com as quais, poderia me identificar academicamente. Mas infelizmente tive uma decepção, quando ainda estava em meu primeiro período do curso percebi que não tinha ouvido ao menos uma menção de uma filósofa, seja nos componentes curriculares de "Introdução à Filosofia" ou "História da Filosofia I", ainda me lembro de quando os professores falavam sobre os pré-socráticos e outros clássicos, questionava: será quem em meio Anaximandro, Tales de Mileto, Anaxímenes, Heráclito ou até Pitágoras não haveria uma única mente feminina nos círculos de diálogo ou nas Ágoras

Gregas? Com este pensamento fomentei-me a pesquisar assiduamente na busca das histórias e das memórias dessas mulheres e dessas filósofas, não apenas com interesse acadêmico sobre elas como também uma curiosidade pessoal de uma mulher, estudante de filosofia, "filósofa" que deseja contemplar aqueles que a antecederam e que lhe inspiram em alguma medida. Por esse motivo que decidi arriscar a escrever o "Dicionário das filósofas mulheres" durante o componente curricular "Laboratório de filosofia III", comentando as memórias biográficas e autobiográficas das filósofas e suas filosofias, destacando as suas ideias e temáticas explicando de forma simplista os conceitos que elas abordavam, através das colheitas filosóficas.

É essencial rememorar e valorizar as contribuições das filósofas mulheres, cujas obras e pensamentos foram historicamente negligenciados na filosofia. Ao revisitar suas narrativas, tanto biográficas quanto autobiográficas, podemos compreender melhor o desenvolvimento de correntes filosóficas e reconhecer a riqueza de perspectivas que elas oferecem. Essas pensadoras forneceram insights valiosos em diversos campos e tradições filosóficas, desafiando e expandindo os horizontes do conhecimento. Uma análise crítica dos contextos sociais e históricos que contribuíram para a invisibilidade dessas mulheres foi crucial para entender como seus legados foram marginalizados. Ao trazer à luz suas contribuições, não apenas honramos seu trabalho, mas também enriquecemos o diálogo filosófico contemporâneo, assegurando que a diversidade de vozes seja ouvida e valorizada.

A pesquisa bibliográfica se estabelece em um quadro teórico que reconhece a contribuição das mulheres na filosofia; isso envolve uma revisão literária que destaque textos filosóficos escritos por mulheres e sobre mulheres, desde a antiguidade até os dias atuais. Uma metodologia pautada em uma abordagem qualitativa, com análise de conteúdo das obras selecionadas para compreender como as memórias autobiográficas, biográficas e até bibliográficas refletem as experiências e pensamentos filosóficos femininos. Além disso, é importante considerar uma perspectiva interdisciplinar que articule saberes da memória histórica da filosofia com a literatura, proporcionando uma compreensão mais rica do papel das mulheres na evolução do pensamento filosófico. Assim, a metodologia deve ser reflexiva e crítica, permitindo não apenas a exposição das ideias e contribuições das filósofas, mas também uma análise de como essas ideias foram recebidas e interpretadas ao longo do tempo.

Dessa forma, propomos articular os conceitos de memória experiencial, incorporada, bibliográfica e autobiográfica, com base em Medeiros (2016), a teoria da memória de Ricoeur

(2012) e os estudos sobre as “Filósofas a presença das mulheres na filosofia”, realizados por Juliana Pacheco (2015-2016). Essa abordagem permitirá examinar as ideias e os pensamentos das mulheres filósofas, discutindo como suas contribuições influenciaram e continuam a moldar o pensamento filosófico contemporâneo.

O trabalho monográfico está estruturado em quatro capítulos, sendo o primeiro de caráter introdutório, no qual são apresentados os objetivos, a metodologia da pesquisa, a justificativa e a relevância do estudo.

No segundo capítulo, “A memória histórica e o esquecimento das mulheres na Filosofia da Antiguidade Clássica”, destaca-se a figura de Aspásia de Mileto — mestra de Sócrates, possivelmente sofista e hetaera — como uma representante significativa da presença feminina na filosofia clássica. Este capítulo busca revelar o papel e a relevância das mulheres filósofas na era clássica, frequentemente ofuscadas pelo domínio masculino no campo filosófico.

No terceiro capítulo, “A invisibilidade das filósofas na Idade Média e sua busca por conhecimento”, é rememorada Marguerite Porete — uma mística das palavras divinas, condenada por heresia — como símbolo da luta das mulheres por espaço intelectual em uma época de forte repressão. O capítulo enfatiza as contribuições das filósofas medievais, recuperando suas memórias históricas e ressaltando sua resistência à invisibilidade social e intelectual.

No quarto capítulo, “O reconhecimento social das filósofas na modernidade e na contemporaneidade”, são analisadas as trajetórias e as experiências vividas pelas filósofas na atualidade, Rita Maria Radl Philipp e Anne Conway. Este capítulo reflete sobre como, na modernidade e na contemporaneidade, as mulheres filósofas têm consolidado seu lugar, enfrentando e superando os desafios impostos por séculos de exclusão.

Esse trabalho não visa apenas à recuperação da memória dessas pensadoras, pois a memória não pode ser resgatada e sim rememorada, mas também à reflexão sobre a importância de suas ideias para a construção de um conhecimento filosófico mais inclusivo, justo e representativo.

Como muitas dessas mulheres foram invisibilizadas e excluídas na história da filosofia pela academia, faremos uma "colheita filosófica[3]", utilizando uma metodologia de pesquisa focada na história e nas memórias biográficas e autobiográficas dessas pensadoras, buscando conhecê-las por meio das suas obras e pensamentos, mas não somente pelo que elas conseguiram registrar sobre si mesmas e seus escritos, mas também pelo que os seus contemporâneos[4] e coetâneos[5] mencionaram e divulgaram sobre suas filosofias e contribuições filosóficas. Fazendo uma reflexão sobre seus pensamentos e como essas concepções podem influenciar a filosofia na atualidade, trazendo-as para um contexto mais contemporâneo e enfatizando a importância dessas mulheres para a nossa formação crítica e filosófica.

[3] A terminologia "colheita filosófica", foram categorias analíticas elaboradas e discutidas no componente curricular de Laboratório de Filosofia pela Dra. Prof. Shirlene Santos Mafra Medeiros na UERN em busca de conhecimentos que vão além dos livros oficiais.

[4] Contemporâneo é um adjetivo que faz referência ao que é do mesmo tempo, que viveu na mesma época. (Enciclopédia Significados. Contemporâneo. Acesso em 04 de outubro de 2024. Disponível em: Significado de Contemporâneo (O que é, Conceito e Definição) - Enciclopédia Significados)

[5] O termo "coetâneo" refere-se a algo ou alguém que existe ou ocorre na mesma época ou período de tempo. É um adjetivo utilizado para descrever a contemporaneidade entre diferentes elementos ou pessoas. A palavra pode ser aplicada em diversos contextos, como história, arte, ciência, entre outros. No campo da história, por exemplo, é comum utilizar o termo "coetâneo" para se referir a eventos ou indivíduos que compartilham o mesmo período histórico. Isso facilita a compreensão e análise dos acontecimentos de uma determinada época, já que as informações e fatos são considerados em seu contexto temporal. Acesso em 04 de outubro de 2024. Disponível em: Coetâneo - Significado, definições e exemplos (significadosdepalavras.com)

2 MEMÓRIA HISTÓRICA E ESQUECIMENTO DAS MULHERES NA FILOSOFIA: ANTIGUIDADE CLÁSSICA

A filosofia ocidental é uma das atividades mais fundamentais do pensamento humano. Buscando compreender as questões mais profundas da existência e do conhecimento humano. A sua origem remonta à Grécia Antiga, tendo seu surgimento mais ou menos no início do século VI A.C., onde figuras como Heráclito, Parmênides e Tales de Mileto; este último sendo considerado o primeiro filósofo; começaram questionar a origem e a natureza da realidade, buscando explicações racionais para os fenômenos do mundo e suas possíveis relações com o homem, em contraste com as explicações mitológicas que naquele momento eram predominantes, e dessa forma lançando "as bases" do que viríamos a chamar de filosofia.

> Até o século VII a.C., o pensamento mítico ditava a interpretação do mundo e de seus fenômenos. O pensamento mítico está representado, na literatura grega, pelas obras de Homero, Iliada e Odisseia, e pelas obras de Hesíodo, Os Trabalhos e os Dias e Teogonia; de maneira geral, de acordo com essas obras, toda a explicação a respeito da compreensão do mundo vinha, basicamente, "dos atos dos deuses", ou seja, das determinações que estes teriam imposto às pessoas para serem seguidos mediante culto religioso. (Pacheco, 2016, p. 12,13)

Mas devemos evidenciar que a transição do mito para a filosofia não ocorreu de forma abrupta, mas através de um processo gradual de questionamento e refinamento do conhecimento, onde se eram utilizadas das figuras mitológicas como uma figura de linguagem para os argumentos filosóficos aceitáveis naquele contexto.

> O mito opõe-se ao *logos* como a fantasia à razão, a palavra que conta à que demonstra. *Logos* e *mythos* são duas metades da linguagem, duas funções igualmente fundamentais da vida do espírito. O *logos*, sendo um raciocínio, pretende convencer; origina no auditor a necessidade de estabelecer um juízo. [...]. Mas o mito não tem outro fim senão ele próprio. (GRIMAL, s/d, p. 19).

A consciência mítica, vinda dos poemas épicos de Homero, este que buscava utilizar a imagem e as histórias destes para educar os cidadãos e jovens gregos, mas essa narrativa começou a ceder lugar ao *logos*, ou seja, ao discurso racional e argumentativo, consequentemente filosófico. Este movimento de desmistificação permitiu que a filosofia florescesse, buscando explicações mais fundamentadas e universais para os fenômenos do mundo.

Pitágoras foi primeiro filósofo que cunhou o termo "filosofia", combinando *'philos'* (amor) e *'sophia'* (sabedoria), que em grego significa "amor ao conhecimento" ou “amor a sabedoria”, refletindo a partir deste ponto a transição de uma compreensão mítica do mundo para uma baseada na razão e na lógica. A filosofia surgiu como uma resposta à necessidade de se explicar o universo de uma maneira que não dependesse dos caprichos dos deuses, mas sim de princípios racionais e imutáveis. Os primeiros filósofos gregos, também conhecidos como pré-socráticos, estavam profundamente interessados em entender a natureza (*physis*) e estabelecer um princípio (*arché*) que pudesse explicar a origem e a ordem do cosmos e da natureza humana. Eles se afastaram das narrativas mitológicas que atribuíam a geração e o funcionamento do mundo a deuses e heróis, buscando em vez disso um princípio que pudesse ser compreendido através da observação da natureza e da razão, e a partir deste ponto o que chamamos de filosofia antiga começa a se desenvolver, filósofos como Sócrates, Platão e Aristóteles, os pilares da filosofia ocidental, surgem e trazem novas perspectivas e/ou evoluem as ideias de seus antecessores.

> A filosofia nasce, segundo o que tradicionalmente estudamos da filosofia ocidental, quando os homens começam a se perguntar sobre o significado de suas vidas na *polis*, sobre seus valores e seus conceitos. A filosofia se coloca aí, desde cedo, como a busca da verdade, a busca da essência, a busca do que verdadeiramente são as coisas. (Aspis, 2009, p. 12)

De acordo com Aspis, a filosofia emerge da curiosidade e do questionamento humano sobre a existência e o propósito dentro da sociedade, ou *polis*. Essa tradição do pensamento ocidental, que remonta à Grécia Antiga, é caracterizada pela investigação crítica e racional sobre os princípios fundamentais da realidade. A busca filosófica pela verdade e pela essência das coisas é um convite ao entendimento mais profundo do mundo e de nós mesmos no processo. Ela nos desafia a examinar não apenas o que é aparente, mas também a natureza subjacente das coisas, incentivando uma compreensão mais completa da vida e do universo. A filosofia, portanto, não é apenas um campo acadêmico, mas uma jornada contínua de descoberta e reflexão que influencia nossa visão de mundo e nosso lugar nele.

Com Sócrates, ocorre uma significativa mudança de foco, do cosmos para o homem, inaugurando o que conhecemos como Filosofia Clássica; Sócrates com o seu método dialético cínico e sua ênfase na ética e no autoconhecimento desafiou os cidadãos atenienses a questionar suas crenças e valores. Seu discípulo Platão, fundador da Academia, desenvolveu uma rica metafísica onde veio a propor a teoria das formas ideais e a imortalidade da alma, além de contribuições fundamentais em áreas como a política, a

estética e a epistemologia. Aristóteles, discípulo de Platão, estabeleceu um sistema abrangente que incluía lógica, ciência natural, ética e política, e sua obra influenciou profundamente o desenvolvimento subsequente da filosofia ocidental.

A filosofia tem como seu cerne estimular e desenvolver o exercício do pensamento crítico, na tentativa de se entender, interrogar e transformar os pensamentos e as realidades do indivíduo; através de análises de diversas perspectivas e problemáticas que podem vir a surgir. Dito isso, a filosofia não tende a se contentar apenas com as respostas propostas pelo senso comum ou as verdades tidas como absolutas, mas na realidade tem sede de buscar, analisar, criticar e fundamentar ideias e pensamentos concisos que possam guiar o pensamento e a ação humana.

Mas apesar destas explicações e observações sobre a filosofia e a sua origem, venho a fazer um questionamento, será que em todo o processo do nascimento da filosofia não havia uma única mulher presente? Não se tinha uma única mulher filósofa ou intelectual? Uma única pensadora que, de alguma maneira, influenciou o desenvolvimento do pensamento filosófico? Essa é uma dúvida e questionamento válido e de extrema importância que façamos e principalmente que debatemos.

Nesse sentido, primeiramente é difícil imaginar ou ao menos cogitar que em meio de tantas mentes brilhantes, não se teria ao menos uma contribuição feminina nas discussões filosóficas destas ideias e correntes de pensamento. É um fato inegável que por muitas vezes a história, ou melhor, os historiadores foram negligentes em expor o papel que as mulheres tiveram em um contexto histórico e filosófico geral. Desta forma, podemos pressupor que muito provavelmente essas pensadoras estavam presentes e atuantes nos círculos intelectuais, mesmo que de forma contida e não registrada corretamente; e que elas estiveram participando ativamente na construção de saberes e conhecimentos filosóficos, assim como também de outros áreas de conhecimento acadêmico, mas que infelizmente elas tiveram as suas memórias invisibilizadas e esquecidas por terceiros, que no auge de sua ignorância ou arrogância, acharam palpável excluí-las dos registros históricos. Por esse motivo é importante que utilizemos a terminologia "*Filósofas*" para nos referirmos a essas grandes pensadoras femininas, como uma forma de exaltar e evidenciar sua importância e existência.

> Falar em filósofas é "destruir" toda uma tradição filosófica machista e misógina, a qual silenciou e ocultou não só a presença das mulheres pensadoras, como a contribuição delas para a história da filosofia. Ao se falar filósofas estaremos rompendo com anos de submissão e subordinação,

> estaremos fazendo justiça com aquelas mulheres que fizeram diferença e com as que atualmente também fazem a diferença. (Pacheco, 2016, p. 09)

Pacheco destaca a importância de reconhecermos e valorizarmos as mulheres filósofas na história da filosofia, argumentando que quando falamos sobre mulheres filósofas, estamos desafiando e quebrando uma longa tradição de machismo e misoginia que silenciaram e esconderam de forma arbitrária a importância e as contribuições femininas no campo filosófico. Dito isso, Pacheco vê esse ato de usarmos a palavra filósofas, como uma forma de empoderamento que rompe anos de opressão e desigualdade, e ao mesmo tempo uma oportunidade de se prestar homenagem às mulheres que tiveram um impacto significativo na filosofia, tanto no passado quanto no presente.

A presença feminina na filosofia representa um campo de estudo vital e fértil, sendo marcada pela riqueza de ideias e a profundidade das contribuições histórico-filosóficas que elas representam. Ao longo dos séculos diversas pensadoras têm enriquecido a filosofia com perspectivas únicas, desafiando e expandindo os horizontes do conhecimento; estas trouxeram em suas reflexões uma vasta e plural gama de temas e ideias, desde questões sobre a natureza, amor, ética e metafísica até críticas sociais e políticas; demonstrando desta forma a capacidade intelectual e a competência de influenciar e moldar o pensamento filosófico de maneira significativa.

A importância de suas ideias reside não apenas no conteúdo intelectual, mas também na forma como elas desafiam as estruturas de poder e promovem a inclusão de vozes marginalizadas, ao trazerem à tona experiências e críticas que refletem a diversidade da condição humana e da natureza, essas filósofas contribuem para uma compreensão mais holística e multifacetada da realidade.

A discussão sobre mulheres na filosofia não é apenas um reconhecimento de suas contribuições passadas e presentes, mas também um impulso para a contínua evolução e revolução do pensamento filosófico, incentivando novas gerações a questionar, refletir e inovar. É um convite para reconhecer a pluralidade de vozes que compõem o mosaico da filosofia e para valorizar a importância de cada contribuição individual no avanço coletivo da disciplina. Então quando nós introduzimos nos parâmetros da memória dessas mulheres, buscamos conhecer e identificar de que forma as suas memórias históricas biográficas e autobiográficas estão intimamente ligadas à sua filosofia e filosofias. A memória e a

relevância destas são objetos de grande importância a serem cada vez mais debatidos e valorizados no campo acadêmico e cultural.

Do ponto de vista histórico, as contribuições e filosofias das filósofas foram frequentemente marginalizadas, ignoradas ou/e invisibilizadas, e em muitos casos elas foram personificadas como algo que não representava a sua verdadeira identidade, esses eventos nos fazem pensar o porquê elas foram assim tratadas. Bom Michelle Perrot em sua obra "Minha história das mulheres" (2007), reflete sobre o:

> [...], porque as mulheres são menos vistas no espaço público, o único que, por muito tempo, merecia interesse e relato. Elas atuam em família, confinadas em casa, ou no que serve de casa. São invisíveis. Em muitas sociedades, a invisibilidade e o silêncio das mulheres fazem parte da ordem das coisas. É a garantia de uma cidade tranquila. Sua aparição em grupo causa medo. (Perrot, 2007, p. 16-17,)

Perrot destaca que a invisibilidade histórica e a exclusão das mulheres no espaço público, especialmente na filosofia, onde a presença feminina é frequentemente marginalizada. Esta invisibilizada não somente por uma questão de representação numérica, mas por uma estrutura que reflete a supervalorização das contribuições masculinas como normativas, inquestionáveis e essenciais, enquanto as femininas são desvalorizadas, questionadas ou ignoradas. A filosofia tem sido dominada por uma perspectiva androcêntrica que limita a diversidade de vozes e perspectivas, e essa exclusão das mulheres na filosofia não é apenas uma perda para aquelas que estão diretamente afetadas, mas também vem a empobrecer o campo filosófico como um todo, pois poda a diversidade de experiências e pontos de vista cruciais para o avanço do pensamento crítico e intelectual.

Mas ao mesmo tempo é importante apontarmos que nos últimos anos houve-se uma curva crescente em pesquisas e estudos sobre essas figuras femininas, trazendo à luz as memórias, as histórias e as suas filosofias de grandes mulheres e de grandes filósofas as quais não tive a oportunidade de conhecer antes em minha formação. Por esse motivo, o presente trabalho acadêmico irá rememorar e dar visibilidade, mesmo que singelamente, a memória e as histórias dessas reverentes e sábias mulheres.

O hermeneuta francês Paul Ricœur que nos sugere que a memória é um elemento fundamental na formação da identidade pessoal, moldada através da narrativa em que o indivíduo está alocado. Então a maneira como as histórias são contadas pode influenciar e até mesmo idealizar as memórias, o que, por sua vez, afeta a identidade dos indivíduos. Assim, a

narrativa não apenas conta uma história, mas também ajuda a definir quem somos e como entendemos nossas ações e experiências passadas. Ricœur (2012) em sua obra “A memória, a história, o esquecimento”, aborda a memória como um elemento fundamental na construção da identidade individual e coletiva. Segundo ele, a memória é incorporada à identidade através da função narrativa, que é a capacidade de contar histórias e reconstruir eventos passados. Esta função permite que as pessoas criem uma versão coerente e significativa de suas experiências, o que é essencial para formar e manter a identidade ao longo do tempo.

> [...] a memória é incorporada à constituição da identidade por meio da função narrativa. A ideologização da memória torna-se possível pelos recursos de variação oferecidos pelo trabalho de configuração narrativa. E como os personagens da narrativa são postos na trama simultaneamente à história narrada, a configuração narrativa contribui para modelar a identidade dos protagonistas da ação ao mesmo tempo que os contornos da própria ação. (Ricoeur, 2012, p. 98)

A ideologização da memória proposta pelo filósofo ocorre quando as narrativas são utilizadas para promover determinadas visões de mundo ou ideologias. O "trabalho de configuração narrativa" mencionado por Ricoeur (2012) refere-se ao processo de seleção e organização dos eventos ao contar uma história. Este processo não é neutro; ele pode ser influenciado por fatores culturais, sociais e políticos, o que permite que a memória seja moldada de maneira a reforçar certas ideologias. Além disso, Ricoeur (2012) destaca que os personagens das narrativas são construídos juntamente com a história que está sendo contada. Isso significa que a forma como os personagens são retratados e as ações que realizam contribuem para definir sua identidade. Portanto, a configuração narrativa não apenas dá forma à identidade dos protagonistas, mas também aos contornos dos eventos narrados. Assim, a narrativa tem um papel duplo: ela ajuda a moldar tanto os indivíduos quanto as ações dentro da história.

A memória autobiográfica, é caracterizada pela compilação de experiências pessoais documentadas e compartilhadas pelo próprio indivíduo, esse aspecto da memória se é destacado por sua natureza íntima e subjetiva, onde as recordações são moldadas e influenciadas pela própria narrativa do sujeito. Assim, a memória autobiográfica não apenas preserva eventos passados, mas também contribui para a construção da identidade pessoal ao longo do tempo. De acordo com Medeiros (2016), a natureza da memória autobiográfica e sua relação com o autoconceito e a percepção social, onde ela sugere que a memória

autobiográfica não apenas reflete a compreensão individual de si mesmo, do *self*, mas também é moldada pela maneira como os outros veem o sujeito. Medeiros (2016) destaca que as experiências pessoais, quando narradas, podem conter elementos que são únicos para o indivíduo, mas que ao serem compartilhadas tornam-se parte de uma experiência coletiva social. Dessa forma, a memória autobiográfica serve como uma ponte entre o pessoal e o social, permitindo que experiências individuais sejam entendidas em um contexto mais amplo.

> A memória autobiográfica, revela a compreensão do self do autoconceito de Si e nos mostra que Mead faz referência à autobiografia ao enfatizar as experiências pessoais narradas sobre si e à biografia, como forma de expressão do olhar do outro sobre o sujeito. [...], o indivíduo pode ser capaz de escrever observações e alusões que não são perceptíveis por outras pessoas e, assim, pode conseguir registrá-las em termos de sua própria experiência, que posteriormente poderá transformar em fatos comuns, pois na realidade não seriam experiências individuais, mas através do outro generalizado, sendo experiências autobiográficas sociais. (Medeiros, 2016, p. 146)

Então podemos pontuar que enquanto as mulheres na filosofia registram suas memórias, elas estão de fato documentando uma experiência compartilhada que ressoa com a coletividade. Ou seja, essas mulheres disseminam suas ideias filosóficas e as suas memórias, deixando suas imagens impregnadas e inerentes no campo filosófico. Por isso a importância da autobiografia e da biografia como meios pelos quais as experiências pessoais se tornam uma expressão do olhar social sobre o indivíduo, contribuindo assim para a construção da identidade social de uma mulher e de uma filósofa do campo filosófico.

2.1 Filósofas Mulheres da Antiguidade Clássica

A filosofia clássica ocidental é um dos períodos mais ricos intelectualmente considerado como uma época de profunda transformação no pensamento humano, sendo ele comumente conhecido como o berço do nascimento da filosofia, e consequentemente de correntes filosóficas extremamente importantes ainda hoje como: Platonismo, que enfatizava a existência de formas ideais e a imortalidade da alma; o Ceticismo, que questionava a possibilidade do conhecimento certo; e o Estoicismo, que pregava a aceitação do destino e a busca pela virtude como forma de alcançar a tranquilidade.

A filosofia clássica, conforme delineada por Giovanni Reale em sua obra "História da Filosofia: filosofia pagã antiga"(2003a), se caracteriza por uma transição significativa do pensamento mítico para o racional. Este movimento intelectual foi marcado pela busca de

explicações lógicas e racionais para questões fundamentais da existência, da natureza e do conhecimento, distanciando-se das narrativas mitológicas que até então dominavam o entendimento humano sobre o mundo e a realidade. Os filósofos pré-socráticos, como Tales de Mileto, que é frequentemente citado como o iniciador da filosofia com sua proposição de que a água é o princípio de todas as coisas, começaram a explorar conceitos que buscavam uma compreensão unificada e fundamental da realidade, conhecida como *arché*. Esses pensadores estavam interessados em descobrir os elementos essenciais que constituem e explicam a realidade, sem recorrer a explicações sobrenaturais ou mitológicas.

Com Sócrates, ocorre uma mudança paradigmática, onde o foco da filosofia se desloca dos elementos naturais para o ser humano e suas capacidades cognitivas e morais. Sócrates, muitas vezes considerado o pai da filosofia moral, introduziu o método dialético de questionamento, que visa alcançar a verdade por meio de perguntas e respostas, e defendeu a ideia de que a virtude é uma forma de conhecimento. Platão, discípulo de Sócrates, expandiu o escopo da filosofia para incluir a metafísica, com sua teoria das formas, e Aristóteles, por sua vez, desenvolveu um sistema abrangente que abordava desde a lógica e a ciência até a ética e a política.

A filosofia clássica, portanto, pode ser vista como um período de grande florescimento intelectual, onde as bases para o pensamento ocidental foram estabelecidas. As contribuições de Sócrates, Platão e Aristóteles não apenas moldaram a filosofia subsequente, mas também influenciaram profundamente o desenvolvimento de várias áreas do conhecimento, como a ciência, a arte e a literatura. A ênfase na razão e no pensamento crítico, a investigação sobre a naturalidade das coisas, a reflexão sobre a ética e a política, e a busca pela verdade e pelo conhecimento são características distintivas deste período que continua a reverberar através dos séculos. A filosofia clássica é, assim, um testemunho do poder do pensamento humano em transcender o imediato e o aparente, em busca de uma compreensão mais profunda e abrangente da realidade.

As mulheres filósofas da antiguidade clássica, embora menos documentadas, tiveram um papel significativo. Hipátia de Alexandria é uma das mais célebres, conhecida por seus trabalhos em matemática e filosofia neoplatônica, e por sua trágica morte, que simboliza o fim da era do conhecimento clássico; Aspásia de Mileto, que embora conhecida principalmente como companheira de Péricles, Aspásia foi uma oradora e intelectual, muito possivelmente uma sofista, que influenciou a filosofia e a retórica ateniense, apesar de sua

vida cercada de polêmicas; e Diotima de Mantineia, famosa por introduzir a "Escada do Amor ", que é uma jornada de ascensão da atração física para um amor da alma e, finalmente, ao amor do Divino; Hiparquia de Maroneia, uma filósofa cínica, notável por sua rejeição às normas e costumes sociais e por sua valorização da liberdade e autossuficiência.

Um dos primeiros indícios documentados de uma filósofa mulher se encontra na obra “O Banquete” de Platão (2000), onde temos um diálogo entre Sócrates e uma das primeiras filosofas conhecidas, Diotima de Mantinéia; no diálogo Sócrates tece um questionamento sobre o que é um filósofo, questionando seus companheiro de diálogo, estes que lhes deram respostas que não se mostraram significativas e agradáveis para Sócrates, para então chegar na bela Diotima a questionando se um filósofo seria um homem sábio ou um homem ignorante, ao que ela lhe responde que um filósofo não é nem um sábio e nem um ignorante[6], a filósofa nos traz uma definição deveras interessante sobre o que é ser um filósofo.

> É o que é evidente desde já - respondeu-me - até a uma criança: são os que estão entre esses dois extremos, e um deles seria o Amor. Com efeito, uma das coisas mais belas é a sabedoria, e o Amor é amor pelo belo, de modo que é forçoso o Amor ser filósofo e, sendo filósofo, estar entre o sábio e o ignorante. (Platão, 2000, p.37)

Segundo Diotima, o sábio é alguém que já possui o conhecimento, a verdade e a sabedoria plena, sendo assim, o sábio é completo em sua sabedoria e não busca mais, pois já alcançou o que o filósofo ainda deseja; já o ignorante é alguém que não possui conhecimento, mas também não percebe sua falta, ele não tem consciência de sua própria ignorância e, portanto, não busca o saber. Então Diotima propõe que o filósofo, como amante da sabedoria, se encontra em uma posição intermediária entre a sabedoria e a ignorância, ou seja, o filósofo não é um sábio porque ainda não possui o conhecimento pleno, mas também não é um ignorante, pois reconhece sua falta de conhecimento; e impulsionado por esse reconhecimento das suas faltas busca continuamente a sabedoria. Então o filósofo será alguém que tem a plena consciência de sua ignorância e, por esse motivo, vive com o desejo pela busca da sabedoria. É essa busca contínua pela verdade e pelo conhecimento que define o que é ser um filósofo.

---

[6] Durante seu diálogo com Sócrates a filosofia reflete sobre uma concepção onde o Amor (*Eros*) não é nem sabedoria pura nem ignorância completa, mas algo intermediário e equilibrado. O Amor, no contexto do diálogo, é descrito como um desejo pelo belo e pela sabedoria, o que o torna um filósofo, um amante da sabedoria, sempre em busca do conhecimento, mas nunca plenamente satisfeito ou completo; esta ideia ressalta a natureza dinâmica do Amor, que está sempre em movimento entre o saber e o não saber, o que reflete no que é ser um filósofo, afinal a filosofia é o amor ao conhecimento.

As filósofas, ao longo da história, têm sido peças-chave para o avanço e aprofundamento do pensamento crítico, ético, político e estético dentro da esfera filosófica. Com suas contribuições únicas, elas enriqueceram o diálogo filosófico e influenciaram significativamente a contituição da sociedade. Suas perspectivas, moldadas por experiências e reflexões distintas, trouxeram novas dimensões ao entendimento humano, desafiando e expandindo os horizontes do conhecimento. No entanto, é crucial reconhecer que, apesar de suas inestimáveis contribuições, essas mulheres enfrentaram e continuam a enfrentar barreiras significativas. Obstáculos estruturais e preconceitos enraizados frequentemente limitaram seu reconhecimento e reduziram sua visibilidade no campo filosófico, um domínio historicamente dominado por homens.

Por isso, é de suma importância que nos dediquemos a resgatar e promover as obras e histórias dessas filósofas que foram marginalizadas e esquecidas. Ao fazer isso, não apenas honramos seu legado, mas também reafirmamos o valor da diversidade e da inclusão no desenvolvimento intelectual. Mulheres como Aspásia de Mileto e Hipátia de Alexandria, por exemplo, são testemunhos do impacto duradouro que as filósofas podem ter. Aspásia, uma influente intelectual na Atenas clássica, é conhecida por suas contribuições à retórica e à educação, enquanto Hipátia, a notável matemática e filósofa de Alexandria, é lembrada por seu trabalho pioneiro em matemática e astronomia, bem como por sua trágica morte, que se tornou um símbolo do conflito entre o pensamento livre e o dogmatismo religioso.

A curiosidade sobre essas figuras históricas é um reflexo de uma busca mais ampla por justiça e reconhecimento. Estudar suas ideias e filosofias não é apenas uma tarefa acadêmica; é um ato de recuperação e celebração da contribuição feminina muitas vezes ignorada. Embora a jornada para descobrir suas histórias seja desafiadora, devido à escassez de registros e à tendência de suas realizações serem ofuscadas, é uma busca valiosa e necessária. Ao perseguir esses fragmentos de sabedoria e conhecimento, não só iluminamos as vidas dessas mulheres extraordinárias, mas também inspiramos gerações futuras a reconhecer e valorizar a pluralidade de vozes na filosofia.

Portanto, é imperativo que continuemos a explorar, estudar e divulgar as contribuições das filósofas, garantindo que seu impacto seja conhecido e apreciado. Isso envolve um esforço consciente para superar os preconceitos históricos e as narrativas unilaterais que têm excluído as mulheres da história da filosofia. Ao fazer isso, não só corrigimos uma injustiça histórica, mas também enriquecemos nosso próprio entendimento do mundo e da condição

humana. Afinal, a filosofia, em sua essência, é um diálogo contínuo que se beneficia imensamente da inclusão de todas as vozes, especialmente aquelas que foram silenciadas ou ignoradas ao longo do tempo.

2.2 Aspásia de Mileto - mestra de Sócrates, possivelmente sofista e uma hetaera

Na antiguidade clássica uma das figuras mais curiosas e proeminentes do período foi a filósofa, sofista [7]e mestra Aspásia de Mileto. Acredita-se que ela viveu durante o século V a.C., entre os anos 470-400, tendo nascido da antiga cidade de Mileto, mesma cidade que abrigou alguns dos primeiros filósofos gregos como: Tales, Anaximandro e Anaxímenes. Ficou comumente conhecida por sua influência na vida política e cultural de Atenas e pelos seus salões conhecidos como "A casa de Aspásia", onde ela se reunia com cidadãos e esposas de estadistas, por *heteras*, por artistas, por sofistas, por filósofos e por políticos; mas também ficou conhecida, polemicamente na época, por seu relacionamento amoroso com Péricles, um importante estadista ateniense.

Sabemos que Aspásia era uma mulher extremamente bela e sedutora, mas é importante que ela não se caracterizava somente por sua aparência como também por inteligência e eloquência na arte das palavras, o seu nome segundo algumas fontes significa em grego "*a bem-vinda*", o que veio colaborar com a ideia de que ela era apenas uma cortesã manipuladora com amantes influentes, o que não era de todo verdadeiro. Aspácia possuía uma grande formação intelectual, sendo dotada nas artes da poesia, retorica, habilidades estas que a tornou objeto de desejo e inveja de muitos; por esse motivo foi iniciada no ramo da prostituição e do cortesanato, mas não como uma cortesã de baixo status, diferentemente das "*pornai*[8]", ela fazia parte de um grupo mais requintado e de alto padrão, se classificando

[7] Aspásia de Mileto é apresentada no ensaio "Persuasão em Aspásia de Mileto", de Raquel Wachtler Pandolpho, como uma sofista e educadora habilidosa no uso da linguagem para produzir persuasão. Associada ao movimento sofístico, ela utilizava a materialidade do discurso em práticas pedagógicas e retóricas, conectando-se a figuras como Górgias e sendo considerada uma precursora no campo da filosofia e da sofística, além de mestre de figuras como Péricles e Sócrates. A autora ressalta sua contribuição na oratória e sua influência tanto na esfera política quanto na formação de homens e mulheres na Atenas Clássica. (ARAÚJO, Carolina. DEPLAGNE, Luciana. NOGUEIRA, Maria Simone Marinho. **Pequenos ensaios sobre grandes filósofas.** Campina Grande, EDUEPB, 2024.)

[8] As *"Pornoi"* eram prostitutas de baixo status que tinham como sua função agradar aos homens vulgares e comuns que não tinham riquezas ou poder dentro das cidades-estados, elas também eram contratadas para chorar em velórios.

desta forma como uma "*hetaera*"[9], que na cultura grega eram consideradas cortesãs que tinha aptidões intelectuais, belas e cultas, acompanhantes e conselheiras, as tornando companhias ideais para grandes estadistas e homens poderosos. Essas mulheres tinham forte influência no cenário político-cultural de Atenas, principalmente Aspásia que tinha em seu círculo de amizade filósofos conhecidos.

Segundo Araújo *et al.* (2024) "Ao lado de outras hetairai, Aspásia está recorrentemente presente em estudos que abordam a relevância intelectual, artística e sociopolítica destas estrangeiras cultas que atuavam como acompanhantes profissionais."; onde ela apresenta Aspásia como uma professora que promove o autoaperfeiçoamento e a excelência, utilizando métodos didáticos que incluem a argumentação indutiva e a logografia, e a sua abordagem é descrita como "erótico-didática", sugerindo que ela empregava um estilo de ensino que despertava um desejo apaixonado pelo conhecimento e pela virtude.

Aspásia era uma meteca[10] em Atenas, o que significava que ela não era uma cidadã nascida na cidade e, portanto, estava isenta de muitas das restrições impostas às mulheres atenienses. Essa posição única permitiu-lhe viver de maneira relativamente livre e independente, uma raridade para as mulheres da época.

Aspásia foi uma forte influência na vida política e cultural de Atenas, especialmente devido à sua relação amorosa com o estadista Péricles. Segundo Plutarco (2022) Péricles se apaixonou por Aspásia devido a sua rara sabedoria política e beleza encantadora, e que após conhecê-la rapidamente divorciou-se de sua esposa, a casando com outro homem escolhido por ele mesmo; para então tomar a filósofa como esposa ou concubina, esse aspecto é um tanto quanto nebuloso, mesmo que não oficialmente em decorrência de sua situação como estrangeira em Atenas, mas mesmo assim Aspásia tinha uma grande influência para com as estratégias políticas de Péricles como alguém que lhe presenteava com sábios conselhos, que

---

[9] As hetaeras ou heteras (do grego ἑταίραι, "aquela que faz companhia', 'amigas") na sociedade da Grécia Antiga, eram prostitutas refinadas que, além dos serviços sexuais, ofereciam companhia e sabedoria. Elas frequentemente mantinham relacionamentos duradouros com seus clientes e se diferenciavam das prostitutas comuns (*pornoi)* da época, proporcionando não apenas prazer carnal, mas também prazer cultural para seus companheiros e amantes, com os quais elas construíam relacionamentos de longo prazo.

[10] Metecos (em grego: Μέτοικος) eram os estrangeiros residentes nas *Pólis* (sing. *polis*) gregas de Atenas. Os metecos atenienses são uma categoria social da época clássica (séculos V e IV a. C.), cujos primeiros registros aparecem na época de Péricles e últimos no início do período helenístico. Existiam em várias cidades, exceto em Esparta, que não recebia estrangeiros. Atenas, por sua riqueza e preponderância cultural, atraiu muitos estrangeiros que exerciam ofícios como professor, artesão, artista, comerciante. De fato, grande parcela da economia ateniense era realizada pelos metecos. (WIKIPÉDIA, Metecos. Acesso em 10 de Setembro de 2024. Disponível em: Metecos – Wikipédia, a enciclopédia livre (wikipedia.org)

em decorrência disto a autoria de muitos dos discursos fúnebres do estadista são delegados a ela.

O ato de união entre ambos causou muitos comentários e ridicularizações na sociedade da época contra ambos, afinal como poderia um homem de tamanha importância dentro da política ateniense ter sido seduzido por um cortesã estrangeira; mas os ataques eram direcionados especialmente contra Aspásia que foi vítima de muita humilhação e escrutínio público, sendo constantemente apontada como uma semeadora de discórdia, e acusada de influenciar as mulheres de Atenas a serem promíscuas e de irem contra os costumes tradicionais vigentes, ela também foi menosprezada por figuras importantes da época. Como quando Aspásia foi acusada de influenciar negativamente Péricles para a realização da *Revolta de Samos* (440 a.C.) contra Atenas e pela *Guerra do Peloponeso* (431-404 a.C.), pelos adversários políticos e outros estadistas contrários à Péricles, que diziam que ele havia iniciado esses conflitos para impressionar Aspásia.

> Seus acusadores afirmam que Aspásia dirigia um prostíbulo. O que não a impediu de casar-se legitimamente com um general ateniense (de origem não aristocrática, mas político influente segundo alguns) após a morte de Péricles, a quem os adversários reprovam por ter permitido que sua relação amorosa com Aspásia a tornasse influente nas decisões políticas. Conhecida como hetaira e professora de retórica, sofreu um processo por impiedade que teve como acusador o poeta cômico Hermipo (Plutarco, Vida de Péricles, 32.1). O comediógrafo também levantou contra ela a acusação de corromper mulheres livres atenienses para o prazer de Péricles. (Andrade, 2022, p.25, 26)

Também foi humilhada publicamente pelo poeta cômico Hermipo (435 a.C.-415 a.C.), que a acusou de influenciar as mulheres atenienses e as corromper a devassidão, a forçando a comparecer perante um tribunal público para se defender perante as acusações, acusações essas que vinham de um desgosto pessoas e até preconceituoso de um homem que muito provavelmente acreditava em uma sociedade que restringia o papel das mulheres na esfera pública, e que se incomodou pela a filósofa prezar pela educação das mulheres, pela sua libertação sexual e pelo reconhecimento das suas capacidades intelectuais, mas acabou por ser absorvida de suas acusações através da influência exercida por Péricles.

No estudo realizado durante o componente curricular “Laboratório de Filosofia III”, quando se foram feitas as primeiras pesquisas para a construção do livro “**Dicionário das filosofas mulheres**”, uma das primeiras filosofas que pesquisei foi a própria Aspásia, através de observações que pude notar, a pensadora tinha pensamento um tanto revolucionários e

atuais para a época em que ela se encontrava, afinal uma mulher que defendia o direito das mulheres a educação e as suas capacidades de ocuparem espaços públicos com as suas ideias e discursos.

> Ela acreditava na justiça social e no direito das mulheres de terem as mesmas oportunidades que os homens. Ela defendia que a educação era a chave para mudar a mentalidade das pessoas e para emancipar as mulheres de suas opressões. Ela não se deixava intimidar por nenhuma dificuldade e sempre se expressava com liberdade e coragem. (Rodrigues, — , p. 18; 20)

Também é curioso o fato de Aspásia mesmo sendo social e financeiramente elevada, apesar de seu status como *hetaera*, e de conviver com a alta sociedade de Atenas e filósofos de prestígio, ela vê como uma necessidade, se não um dever, o ato de acolher e ensinar as pessoas que seriam consideradas párias ou inferiores ao "honrados e puros cidadãos atenienses", essa atividade parecia transcender uma mera opção pessoal, assumindo as características de uma necessidade intrínseca ou, talvez, um dever moral, vendo na educação uma ferramenta de transformação social, capaz de elevar indivíduos marginalizados a um patamar de maior dignidade e respeito. Ela compreendia que o conhecimento não deveria ser um privilégio exclusivo dos cidadãos de Atenas ou aos nobres, mas sim um direito acessível a todos, independentemente se seus alunos eram estrangeiros, cortesãs, esposas repudiadas ou homens simples. E por esses motivos ela transformou a sua casa em um refúgio para o pensamento livre e o debate intelectual, onde filósofos, políticos e cidadãos comuns podiam compartilhar ideias e aprender uns com os outros.

A filósofa é também lembrada por sua suposta escola, a qual alguns historiadores e pesquisadores argumentam que era como uma espécie de salão intelectual voltado para a instrução de homens e mulheres, e um local de debates e diálogos entre filósofos e amigos; enquanto outros sugerem que poderia ter sido um bordel, onde a mulher oferecia seus serviços de cafetinagem e influenciava as jovens mulheres e as esposas atenienses a luxúria e desonra. Essa ambiguidade reflete as complexidades e os preconceitos de sua época, onde uma mulher instruída e influente como Aspásia poderia ser simultaneamente reverenciada e difamada.

Além de seu relacionamento com Péricles, Aspásia também é conhecida por sua ligação com Sócrates, mas diferente do estadista ateniense, a relação dela com o filósofo era puramente filosófica, uma relação de mestra e pupilo. Já que a mesma havia sido professora oratória do próprio Sócrates, de acordo com o que é exposto no "Menêxeno" de Platão, onde

Sócrates em um diálogo com Menêxeno afirma que a pensadora foi sua professora e que está o ensinou as artimanhas do discurso eloquente, é onde também ele a elogia por ter uma habilidade intelectual admirável.

> SÓCRATES – Pois para mim, pessoalmente, Menêxeno, não é nada espantoso que eu seja capaz de discursar, uma vez que, por sorte, tenho por mestra aquela que certamente não é insignificante em retórica; pelo contrário, tem formado muitos outros bons oradores, dos quais um se destacou entre os helenos: Péricles, filho de Xantipo.
> MENÊXENO – E quem é ela? É evidente que falas de Aspásia, não?
> SÓCRATES – Falo, decerto; e me refiro também a Conos, filho de Metróbio; Pois esses são os meus dois mestres: ele em música, ela em retórica. Logo, não é espantoso que um homem educado desse modo seja hábil em falar. Mas mesmo alguém que tenha sido educado de modo inferior a mim, instruído em música por Lampro e em retórica por Antifonte de Ramnunte, também seria capaz de obter renome louvando atenienses na presença dos próprios atenienses.
> MENÊXENO – E o que terias a dizer, se devesses discursar?
> SÓCRATES – Eu, de minha parte, talvez nada; mas ontem mesmo estive escutando Aspásia enquanto entoava um discurso fúnebre sobre esses homens. Pois ela ouviu isso que dizes: que os atenienses estão prestes a eleger quem discursará. Então, de improviso narrou a mim uma parte, da forma como devia dizer, enquanto a outra parte já havia previamente preparado, pelo que me parece, quando compunha o discurso fúnebre que Péricles proferiu, a partir de fragmentos que uniu daquele discurso.
> MENÊXENO – E poderias recordar as coisas que disse Aspásia?
> SÓCRATES - Se eu não me enganar... De fato, aprendia junto a ela, e por pouco não tomei umas palmadas quando me falhou a memória. (Platão, 235e-236c, 2014, p. 59-60)

Convém afirmamos que apesar das incertezas sobre sua biografia e sua memória, seu nome aparece em trabalhos de autores como Platão e Aristófanes, ou seja, mesmo que não tenhamos nenhum escrito ou trabalho escritos pelas mãos da própria filósofa, algo autobiográfico por assim dizer, temos biografias, citações e referências não apenas a sua pessoa como também parcialmente as suas ideias e filosofia. Aspásia de Mileto foi uma mulher importante na antiguidade, lembrada por sua beleza, inteligência e habilidade nas artes da palavra, sendo uma mulher que não se limitava somente aos papéis de gênero impostos e esperados de uma mulher em sua época, mas sim uma filósofa, professora, mãe, esposa e cortesã.

Agora após apresentar e rememorar a memória biográfica de Aspásia de Mileto, assim como um pouco das suas ideias filosóficas, abro espaço para um questionamento: por que nós conhecemos ou lembramos de Aspásia majoritariamente pelo seu relacionamento com Péricles? Por que o fato dela ter sido uma cortesã se sobressai ao fato dela ser uma filósofa? A primeira causa que me vem à mente é que essas “denominações” ou “títulos” impostos à

figura de Aspásia foram propositais por aqueles que deveriam ser responsáveis eternizarem sua história e memória decidiram por sua vontade e até despeito escolheram eternizar essa narrativa, cujo objetivo é menosprezar e diminuir o papel não apenas de Aspásia, como também de tantas outras mulheres na filosofia.

A predominância dessa narrativa pode ser atribuída a vários fatores; em primeiro lugar a uma sociedade ateniense, profundamente patriarcal e aristocrática que raramente concedia reconhecimento formal às contribuições das mulheres, o que inevitavelmente levava a uma subvalorização de suas realizações intelectuais. Além disso, os registros históricos da época eram escritos quase exclusivamente por homens, que podiam ter tendências a enfatizar aspectos da vida de Aspásia que consideravam mais relevantes ou escandalosos, como seu papel de cortesã. Isso reflete uma tendência mais ampla de focar nas relações pessoais das mulheres em detrimento de suas realizações profissionais ou intelectuais.

Outro aspecto que considerarmos é o fascínio obsessivo por figuras históricas e filosóficas masculinas e a tendência perpetuadora de associar mulheres a esses homens, em vez de reconhecer suas próprias identidades e méritos. No caso de Aspásia, seu relacionamento com Péricles oferece um ponto de conexão com os eventos e ideais políticos significativos daquela época, o que pode ter contribuído para a centralização dessa parte de sua vida na memória coletiva. Além disso, a figura de Aspásia como cortesã pode ter sido exagerada ou mal interpretada ao longo do tempo. Enquanto algumas fontes a descrevem como uma mulher de grande sabedoria e influência, outras a retratam de maneira menos favorável, o que pode ter contribuído para uma compreensão distorcida de seu papel na sociedade. A complexidade de sua identidade e a escassez de registros diretos sobre sua vida tornam difícil separar o fato da ficção.

É crucial, portanto, abordar a história de Aspásia com uma perspectiva crítica, reconhecendo as limitações dos registros históricos e a possibilidade de viés na transmissão de sua história. Ao fazer isso, podemos começar a apreciar plenamente a amplitude de sua influência e o verdadeiro valor de suas contribuições filosóficas, além de seu relacionamento com Péricles; reconhecer Aspásia como uma filósofa e intelectual, e não apenas como uma figura secundária na vida de um homem famoso, é um passo importante para uma compreensão mais equitativa e completa da história. Deixamos claro que o fato dela ter sido uma cortesã e amante não diminui seu mérito como filósofa e professora, ou o fato dela tecido uma intelectual não diminui suas expressões e a sua liberdade sexual e social, pois

onde queremos que ela seja uma musa casta e professora, ela foi, e onde queremos que ela seja uma "grande horizontal", uma cortesã, ela foi e esses fatos não diminuem sua importância ou as suas capacidades de maneira alguma, mas de certa forma lhe dão forma e dimensões a serem exploradas, tornando sua história cada vez mais cativante de se explorar.

Apesar da maioria das descrições sobre Aspásia variarem, com alguns autores antigos criticando-a por sua profissão e outros elogiando-a por sua beleza, inteligência e habilidade nas artes da palavra; e a dificuldade de se rastrear sua biografia com precisão, pois a maioria das informações que temos são baseadas em suposições e relatos de terceiros. Apesar disso, sua importância histórica é inegável, e ela continua a ser uma fonte de inspiração para muitos, especialmente por representar um exemplo notável de como uma mulher, através de sua inteligência e eloquência, pode influenciar a sociedade e a cultura ao seu redor.

2.3 Presença e Significado das Filósofas na Era Clássica da Filosofia

Ao adentrar nas memórias biográficas de figuras como Aspásia de Mileto, esta tese busca destacar a relevância e a influência das mulheres filósofas no período clássico, revelando suas contribuições significativas para o desenvolvimento do pensamento filosófico. Aspásia, conhecida não apenas por sua relação com Péricles, mas também por seu papel como educadora e pensadora, foi uma mulher que marcou a época com suas ideias e intelecto. No entanto, ela não foi a única: ao lado dela, outras filósofas contemporâneas também deixaram marcas duradouras, embora muitas vezes ofuscadas pelos homens de sua época. Neste trabalho, é dada atenção especial para iluminar o pensamento dessas mulheres e sua participação ativa em diálogos filosóficos essenciais que moldaram a filosofia clássica.

A análise dessas contribuições pode ser enriquecida pelo arcabouço teórico de Paul Ricoeur (2012), filósofo renomado que explorou profundamente a relação entre narrativa, memória e identidade. Argumenta que a narrativa tem o poder de moldar e até mesmo manipular a memória, pois as histórias que contamos e as que são contadas sobre nós influenciam a maneira como lembramos e interpretamos nossas experiências. Ele sugere que a memória não é um registro estático do passado, mas sim uma reconstrução ativa que é influenciada pela narrativa. Quando uma memória é arquivada, ela se torna parte de um conjunto maior de memórias e narrativas que podem ser acessadas e reinterpretadas. Essa reinterpretação pode ser fiel ao evento original ou pode ser alterada, intencionalmente ou não, pela narrativa que a envolve. Assim, a memória manipulada pela narrativa pode ser

incorporada de maneira que reflita não apenas o passado, mas também as intenções e o contexto do presente.

Ricoeur estava particularmente interessado em como a memória e a narrativa interagem dentro do campo da historiografia, onde a memória coletiva e as narrativas históricas desempenham um papel crucial na formação da identidade cultural e nacional. Ele reconheceu que a memória pode ser sujeita a manipulações e que a narrativa pode tanto revelar quanto ocultar a verdade. Por meio de sua fenomenologia da memória, Ricoeur buscou entender como a memória funciona, como ela é afetada pela narrativa e como pode ser usada tanto para preservar a verdade quanto para distorcê-la. Sua obra oferece uma reflexão crítica sobre os processos de memorização, esquecimento e a construção narrativa da realidade, fornecendo uma estrutura para compreender a complexidade da memória humana e seu papel na formação da identidade individual e coletiva.

Nesse contexto, o estudo das mulheres filósofas da antiguidade clássica, se revela como um campo de estudo fascinante e complexo, marcado tanto pela riqueza intelectual quanto pelo esquecimento histórico. Essas pensadoras, operando em um contexto dominado por homens, forjaram caminhos intelectuais que ainda hoje ressoam em debates filosóficos. Hipátia de Alexandria, por exemplo, não apenas se destacou em matemática e astronomia, mas também contribuiu significativamente para o neoplatonismo, influenciando pensadores subsequentes. Outras figuras, como Asma bint Marwan[11], com seus poemas filosóficos, desafiou as normas sociais e religiosas de sua época, promovendo uma reflexão crítica sobre questões de justiça e moralidade. Ban Zhao[12], embora não seja da antiguidade clássica ocidental, é outra figura notável que, com sua obra 'Lições para Mulheres', trouxe uma reflexão filosófica sobre o papel das mulheres na sociedade feudal, que ainda podem ser relevantes na atualidade.

---

[11]Asma bint Marwan foi uma poetisa árabe que viveu em Medina no século VII. Ela é conhecida por suas poesias que criticavam os líderes locais e as mudanças sociais da época. Seus versos expressavam descontentamento com a liderança de Muhammad e a adesão de tribos locais ao Islã, o que gerou controvérsias e debates sobre sua morte. (Wikipédia, Asma bint Marwan, 2024. Disponível em: Asma bint Marwan – Wikipédia, a enciclopédia livre (wikipedia.org).

[12] Ban Zhao, nascida por volta de 45 d.C. e falecida aproximadamente em 116 d.C., é reconhecida como a primeira historiadora chinesa e uma das mais eminentes eruditas do período da dinastia Han Oriental. Ela completou a obra histórica de seu irmão, o Livro dos Han, e escreveu "Lições para Mulheres", um influente tratado sobre a conduta feminina. Ban Zhao também tinha interesses em astronomia e matemática e deixou um legado de poemas, escritos comemorativos e ensaios, consolidando sua posição como uma das mais notáveis intelectuais da China antiga. (BUENO, André. Ban Zhao, Blogs de Ciência da Universidade Estadual de Campinas: Mulheres na Filosofia, V. 7, N. 3, 2022. Disponível em: Ban Zhao – Mulheres na Filosofia (unicamp.br)

Essas mulheres, e muitas outras não registradas pela história, contribuíram para a riqueza e diversidade do pensamento filosófico, desafiando os limites impostos a elas e expandindo o escopo do que é possível pensar e questionar em meio de tantas limitações impostas. Suas obras e legados são fundamentais para entender a evolução da filosofia e para reconhecer a importância da inclusão de vozes diversas no discurso filosófico. Essas pensadoras, cada uma em seu contexto particular, contribuíram para uma diversidade de ideias que enriqueceu o debate filosófico, cultural e histórico expandindo o escopo do que era possível pensar e questionar. Enfrentando inúmeras limitações impostas pela sociedade aristocrática, essas mulheres não apenas marcaram suas épocas com reflexões inovadoras, mas também abriram caminhos para gerações futuras. Ainda que muitas de suas contribuições tenham sido minimizadas ou esquecidas, suas ideias foram essenciais para o desenvolvimento do pensamento filosófico e representam uma camada importante na tapeçaria da história da filosofia.

Por fim, o estudo da memória histórica, especialmente no que tange ao apagamento das filósofas, é um campo que necessita de revisitação constante. Reconhecer suas contribuições é não apenas um exercício de justiça histórica, mas também um esforço para enriquecer e diversificar a filosofia moderna. Ao revisitar e dar visibilidade a essas vozes, podemos contribuir para uma compreensão mais inclusiva do pensamento filosófico e, assim, inspirar um futuro no qual a diversidade de perspectivas seja realmente valorizada e incorporada ao saber filosófico.

3 A INVISIBILIDADE DAS FILÓSOFAS MULHERES NA IDADE MÉDIA E SUA BUSCA POR CONHECIMENTO

A Idade Média, período que abrange aproximadamente do século V ao XV, foi marcada por profundas transformações culturais e intelectuais, sendo a Igreja Católica uma das principais forças modeladoras do pensamento e da filosofia ocidental. Embora o cristianismo tivesse uma estrutura teológica rígida e muitas vezes impusesse restrições à circulação de certas ideias, ele também teve um papel essencial na preservação e adaptação do saber clássico. Esse paradoxo — entre restrição e proteção — revela a complexa interação entre a religião e o desenvolvimento intelectual durante a época medieval. No entanto, com a queda do Império Romano e o início da Idade Média, a filosofia medieval, desenvolvida entre os séculos V e XV, surge como uma tentativa de conciliar a fé cristã, que se tornou dominante na Europa, com a razão filosófica herdada dos gregos. A filosofia medieval se caracteriza pela influência significativa da Igreja Católica e pela busca de uma compreensão mais profunda das verdades divinas e humanas buscando compreender questões como a existência de Deus, a natureza da alma e o livre-arbítrio dentro de um contexto teológico. Após a queda do Império Romano, o saber greco-romano esteve sob constante ameaça de desaparecimento devido às invasões bárbaras e ao declínio das cidades. Em meio a esse cenário de instabilidade, a Igreja assumiu uma função essencial, utilizando sua estrutura para salvaguardar o conhecimento acumulado até então. Os mosteiros, com suas bibliotecas e scriptoria, tornaram-se centros de preservação cultural e intelectual.

> A própria Igreja, quase sempre acusada como a principal culpada pelo retrocesso da cultura, é também responsável pela conservação de quase tudo o que se preservou do pensamento clássico greco-romano. Num mundo em que o cenário predominante é o campo, e a agricultura praticada no nível da subsistência , os monastérios — esses refúgios rurais onde os religiosos, longe da vida mundana, buscavam a purificação da alma — representam a sobrevivência da cultura. Ali, os monastérios, animados pelo ideal de *ora et labora* (“reza e trabalha”), se São Bento (c. 480-547), não só se dedicam à religião e à organização do trabalho rural como também à cópia, à compilação, à tradução para o latim e o comentário de textos da Antiguidade. (Abrão, 2004, p. 104)

Essa dualidade é exemplificada pela atuação dos mosteiros medievais, como destaca Abrão (2004), que observa que, apesar das críticas ao papel repressivo da Igreja, “ela é também responsável pela conservação de quase tudo o que se preservou do pensamento clássico greco-romano” (p. 104). Em um mundo em constante ameaça de retrocesso cultural, esses refúgios religiosos não apenas sustentavam a fé, mas também protegiam a herança

intelectual. Os mosteiros, animados pela regra de *ora et labora* de São Bento, reuniam monges que dedicavam suas vidas à cópia, compilação e tradução de textos antigos, garantindo que obras filosóficas, científicas e literárias do passado não se perdessem nas trevas da ignorância, ainda que se levarmos em conta o fator que muitas destas cópias ou escritos foram feitos de acordo com os dogmas e interesses pessoais tanto da igreja quanto dos próprios monges, que em suas labutas podem ter escolhido apagar intencionalmente certos fatores e indivíduos que poderiam ter um necessário impacto ou conhecimento em nossas áreas de conhecimento, principalmente na filosofia.

Entretanto, o trabalho de preservação cultural não era neutro ou imparcial. A Igreja exercia um controle considerável sobre os textos que eram copiados, muitas vezes orientando a interpretação dos conteúdos de acordo com os dogmas cristãos. Aspectos ou autores que parecessem desviar-se da doutrina eram omitidos ou reinterpretados, criando uma seleção do saber clássico que fosse considerada compatível com a fé. Esse processo, que ora incluía adaptações, ora omissões, refletia os valores e as prioridades da época, especialmente no que se refere ao papel das mulheres no desenvolvimento do pensamento. Muitos escritos de filósofas da antiguidade, ou até registros de influências femininas em escolas filosóficas, foram negligenciados ou deliberadamente apagados, obscurecendo o impacto que elas poderiam ter tido na formação do pensamento filosófico. Ainda assim, a filosofia medieval emergiu justamente dessa tentativa de conciliar o legado clássico com a doutrina cristã, originando uma síntese complexa entre fé e razão. Esse esforço é evidente em pensadores como Santo Agostinho e São Tomás de Aquino, que buscaram harmonizar as ideias de Platão e Aristóteles com os preceitos cristãos, gerando novas correntes de pensamento que influenciariam a filosofia e a teologia por séculos. Esse processo de apropriação e ressignificação das ideias antigas resultou na criação de uma filosofia singular, adaptada aos valores cristãos, mas ainda assim profundamente ancorada na tradição greco-romana.

Mas assim como no período clássico da filosofia, o período medieval também é marcado pela invisibilidade e exclusão das mulheres no campo filosófico, sendo esse um fenômeno complexo enraizado nas estruturas sociais, culturais e até religiosas da época. Historicamente, as mulheres foram sistematicamente marginalizadas no campo filosófico, uma área dominada por homens, onde o acesso à educação formal era frequentemente negado a elas, e às poucas que tinham acesso à educação eram mulheres nobres e de classes sociais elevadas, e as poucas que conseguiam ultrapassar essas barreiras enfrentavam o preconceito de que a filosofia era uma disciplina incompatível com a natureza feminina, uma noção

sustentada por estereótipos de gênero e a crença na inferioridade intelectual das mulheres. Essa marginalização era perpetuada por uma série de fatores. Primeiramente, a transmissão de conhecimento filosófico era controlada por instituições como a Igreja e os monastérios, que excluíam mulheres. Além disso, a filosofia era frequentemente ensinada e discutida em espaços que eram reservados somente para membros da igreja e clero, assim como para a alta nobreza da época, nos quais as mulheres eram excluídas. Esta dita exclusão não era apenas uma questão puramente sobre o direito ao acesso de conhecimento, mas sim um digno reconhecimento e valorização das contribuições e do simples direito a se ter uma opinião e ideias que fugissem do padrão normativo vigente. E mesmo quando as mulheres contribuíram significativamente para a filosofia, seus trabalhos eram atribuídos a homens ou desconsiderados, pois seria impossível que mentes tão limitadas tivessem a capacidade de pensar e discutir filosoficamente, este estigma criou um ciclo vicioso de invisibilidade e exclusão, onde a falta de reconhecimento perpetuava a crença de que as mulheres não tinham contribuições significativas a oferecer.

Desta forma podemos fazer uma interação entre essa invisibilidade e esquecimento escrachado sob as mulheres com a conceituação e escritos do hermeneuta francês Paul Ricoeur, esse esquecimento sendo mais expressivo na filosofia que é um campo amplo de saberes que não está imune às dinâmicas de exclusão marginalização e invisibilidade dessas filósofas, principalmente levando em conta a história da filosofia ocidental que tem uma longa e perpetua trajetória de omissões e silenciamentos dessas vozes. As mulheres filósofas, ou somente filósofas, que apesar de suas contribuições significativas são constantemente relegadas ao esquecimento, com as suas obras não sendo preservadas com o mesmo zelo e dedicação que os seus contemporâneos filósofos homens, com as suas vozes não sendo abafadas nos círculos filosóficos dominantes.

> Os abusos de memória colocados sob o signo da memória obrigada, comandada, têm seu paralelo e seu complemento nos abusos de esquecimento? Sim, sob formas institucionais de esquecimento cuja fronteira com amnésia é fácil de ultrapassar: trata-se principalmente da anistia e, de modo mais marginal, do direito de graça, também chamado de graça anistiante. A fronteira entre esquecimento e perdão é insidiosamente ultrapassada na medida em que essas duas disposições lidam com processos judiciais e com a imposição da pena; ora, a questão do perdão se coloca onde acusação, condenação e castigo; por outro lado, as leis que tratam da anistia a designam como um tipo de perdão. (Ricoeur, 2012, p. 459)

A reflexão de Ricoeur (2012) sobre os âmbitos referentes a memória e o esquecimento pode ser elucidado à circunstância em que se encontravam as mulheres na filosofia medieval,

onde a memória obrigada e comandada muitas vezes se traduzia em um esquecimento institucionalizado, que atuava em forma de uma "anistia" contra as contribuições femininas no campo filosófico, relegando as filósofas ao domínio do não dito e do não reconhecido. Confrontar essa invisibilidade é essencial para uma compreensão mais completa e equitativa da filosofia, e para que entendamos que a filosofia medieval não se baseia somente nos escritos de Santo Agostinho, São Tomás de Aquino ou Pedro Abelardo, mas que outras fontes, de vozes femininas, podem a ter a agregar aos conhecimentos propostos e entrelaçados tanto a Escolástica e a Patrística, não com o intuito de menosprezar os saberes desses homens, mas sim agregar e incluir novas ideias assim como vozes a essas correntes.

Mas mesmo que barreiras e impedimentos tenham sido impostos contra essa luta na obtenção de conhecimento pelas mulheres, algumas mesmo que tenham sido poucas e com uma baixa, mas importante expressão, conseguiram deixar suas marcas na história da filosofia medieval. Figuras esta como Hildegarda de Bingen a mística e abadessa do século XII foi significante filósofa que fez contribuições para a filosofia natural, onde a base de seus pensamentos estavam voltados para o conceito de "Viriditas"[13], ou a vitalidade verde de Deus, que ela via como a força vital que permeia toda a criação; outras filósofas como Cristina de Pisano, que desafiou as visões misóginas de seu tempo através de sua escrita e pode ser considerada como uma das primeiras feministas e a primeira mulher escritora profissional do Ocidente, em suas obras tratam de temáticas voltadas a educação e o papel social das mulheres, e críticas à misoginia enfrentada na época pelas mulheres que eram consideradas posse de seu pai e depois de seus maridos, Pisan também pode ser lembrada como uma das precursoras do movimento *Querelle des Femmes*[14], que debateu o papel das mulheres na sociedade por séculos; e Julian de Norwich, cujas reflexões místicas ofereceram uma

[13] A palavra “víriditas” vem do latim e pode ser traduzida como “verdor” ou “verdejante”. Em termos simples, ela se refere à qualidade de ser verde, fresco e vibrante. No contexto das visões de Santa Hildegarda, víriditas é muito mais do que apenas uma cor ou uma característica física. Para ela, representa uma energia espiritual e vital que permeia toda a criação. Santa Hildegarda descreveu víriditas como uma espécie de força vital que está presente em todas as coisas. Em suas visões, ela via a víriditas como uma força divina que trazia vida e renovação ao mundo. Esta energia verde era, para ela, uma manifestação da presença de Deus em todas as partes da criação. A víriditas é uma qualidade que dá vida e crescimento, sendo essencial para a saúde e a beleza do mundo natural. (Santa Hildegarda de Bigen. O Conceito de Víriditas e as Visões de Santa Hildegarda de Bingen. Disponível em: O Conceito de Víriditas e as Visões de Santa Hildegarda)

[14] A expressão *querelle des femmes* é uma denominação do século XX. Outros termos são igualmente utilizados para nomear esse fenômeno: “querela dos sexos”, “querela do feminismo”, “questão das mulheres”, “polêmica das mulheres”. Neste tópico, proponho um percurso acerca das terminologias empregadas para designar essa discussão política e literária, buscando, sobretudo, trazer algumas obras que participaram da “querelle des femmes”, e suas principais temáticas, a fim de mostrar a continuidade de uma tradição iniciada por Christine de Pizan, do século XV. (Deplagne, Luciana Calado. *Querelle des Femmes*: Mapeamento em Português, Blogs de Ciência da Universidade Estadual de Campinas: Mulheres na Filosofia. Disponível em: Querelle des Femmes: Mapeamento em Português – Mulheres na Filosofia

perspectiva única sobre a religião e a existência, onde a inglesa explora em sua obra "Revelação do Amor Divino" a relação entre o amor divino e a redenção da alma destacando a bondade inerente da humanidade e a capacidade de redenção e união com o divino. Estas mulheres, entre muitas outras, não apenas contribuíram para o desenvolvimento da filosofia em diferentes e importantes áreas de conhecimento, como também se tornaram uma bússola que guiou e abriu caminhos para o reconhecimento da capacidade intelectual feminina em um mundo dominado pelos homens.

A invisibilidade das mulheres na filosofia medieval é um tema que revela aspectos profundos das estruturas sociais, culturais e epistemológicas que moldaram essa época. A ausência das mulheres nas narrativas tradicionais da filosofia não se deve a uma suposta falta de produção intelectual, mas sim a um conjunto de fatores que relegou o pensamento feminino a um lugar marginal, excluindo-o da historiografia oficial. Para compreendermos essa invisibilidade, é necessário abordar a construção das narrativas históricas e o papel que as mulheres ocupavam no imaginário filosófico medieval.

Na Idade Média, o espaço público e intelectual era controlado majoritariamente por instituições e autoridades religiosas e masculinas. As mulheres, muitas vezes associadas ao pecado e à fragilidade moral e intelectual, tinham poucas oportunidades de acesso à educação formal, restritas em sua maioria ao espaço doméstico e, em alguns casos, ao religioso. Essa estrutura resultou na exclusão deliberada das mulheres dos círculos intelectuais, criando barreiras que dificultavam não apenas a produção, mas a preservação e transmissão de suas ideias. A "invisibilidade" das mulheres na filosofia é, portanto, uma invisibilidade forçada, um reflexo das restrições sociais que moldavam o mundo medieval.

> Em geral, o medievo é visto como masculino e misógino, no qual a mulher era considerada Maria ou Eva, santa ou pecadora. É certo que nesse período a mulher estava relativamente privada de direitos; essencialmente dependente da tutela de um homem (pai, marido ou dos parentes) e destinada aos serviços domésticos, ao matrimônio ou ao convento. Porém, por outro lado, é difícil sustentar a hipótese de uma marginalização generalizada da mulher medieval. Através de documentos notariais, por exemplo, sabe-se que muitas figuras femininas agiam de forma independente, administravam negócios, pagavam impostos, trabalhavam como professoras, escritoras, farmacêuticas, médicas e rainhas. É o caso de Heloïse, Maria de França, Hildegarda, Eleonora de Aquitânia (século XII), e Catarina de Sena (século XIV), para citar alguns nomes. Se ao longo do tempo foi aceito que as mulheres ficaram à sombra de um mundo dominado pelo masculino, a tendência atual é a de revisão desse paradigma. A história das mulheres, geralmente escrita por homens e com base em fontes elaboradas por autores masculinos e escolásticos, está sendo substituída por

> abordagens que privilegiam registros deixados pelas próprias mulheres. (Drew, 2010, p. 1)

De acordo com Jennifer Drew (2010), a história das mulheres na filosofia é uma intrincada tapeçaria que desafia as narrativas tradicionais como uma contrapartida às imposições e "regras" propostas pelo que a academia considerava como sendo "verdadeira filosofia", preterindo as contribuições femininas ao esquecimento e a invisibilidade. No período medieval, apesar das restrições sociais e legais, mulheres como Heloísa de Argenteuil, Marguerite Porete e Hildegarda de Bingen emergiram como figuras de destaque, demonstrando que a capacidade intelectual e a contribuição científica transcendem as barreiras de gênero. A visão de que as mulheres estavam confinadas exclusivamente ao âmbito doméstico é contrariada por evidências de sua participação ativa em diversas esferas, incluindo a academia, a medicina e o comércio. Essa perspectiva é corroborada por estudos contemporâneos que revelam a presença e influência feminina em documentos históricos, desfazendo a ideia de uma marginalização absoluta.

A atual reavaliação do papel das mulheres na história é um movimento essencial para reconhecer e valorizar suas contribuições, muitas vezes invisibilizadas. A tendência de revisão historiográfica busca uma representação mais equitativa e precisa, destacando figuras como Maria de França e Catarina de Sena, que, apesar dos desafios de sua época, deixaram legados duradouros. A história das mulheres na filosofia é muito rica e diversificada, englobando desde as pioneiras do período medieval até cientistas contemporâneas que continuam a quebrar barreiras e expandir fronteiras.

As narrativas históricas e mnêmicas estão sendo reescritas com o objetivo de incluir as vozes das mulheres que, através de seus escritos e realizações contribuíram de forma significativa para os avanços do conhecimento humano; este processo de revisão e rememoramento não apenas busca honrar as mulheres que foram pioneiras e expressivas em suas respectivas áreas, como também inspira gerações futuras a reconhecer a igualdade de capacidade e oportunidade entre os gêneros. Mas devemos pontuar que a influência da Igreja na filosofia medieval, não pode ser dita como puramente limitadora, pois ao mesmo tempo em que impunha barreiras ao desenvolvimento autônomo do pensamento, que incentivava uma forma peculiar de reflexão, que tentava conciliar o saber humano com o divino. Ao preservar e reinterpretar os textos clássicos, a Igreja possibilitou que o conhecimento filosófico antigo fosse transmitido através dos séculos, chegando ao Renascimento e, eventualmente, influenciando o pensamento moderno. Assim, a Igreja medieval, com todas as

suas ambivalências e contradições, deixou um legado duradouro na história da filosofia, demonstrando que a busca pelo saber, mesmo em meio a tensões e restrições, pode florescer e enriquecer a cultura humana.

O medievo foi o berço de muitos pensadores relevantes e de forte expressão acadêmica até os dias de hoje tais como Santo Agostinho, São Tomás de Aquino, Boécio, Anselmo de Cantuária ou Pedro Abelardo são uns dos mais ilustres e importantes pilares da patrística e da escolástica, assim como são os principais, senão os únicos, filósofos que nos são apresentados do medievo, mas assim como apresentado anteriormente a filosofia medieval não é composta apenas por mentes masculinas e se prende somente aos ideias e pensamentos atrelados a patrística e da escolástica, por este motivo apresentaremos a mística e os movimentos das mulheres beguinas interligados a filósofa do século XII, Marguerite Porete.

3.2 Marguerite Porete - A mística das palavras divinas condenada por heresia

Quando buscamos por informações de Marguerite Porete nós encontramos certas dificuldades e obstáculos especialmente ao tentar encontrar detalhes mais aprofundados sobre sua vida; sendo os maiores e mais detalhados indícios da sua presença na história os autos e documentos de sua condenação pela Inquisição, onde foi condenada por herética e condenada à ser queimada na fogueira, na Place de Grève em Paris, em 01 de junho de 1310. Nestes mesmos autos, nos é apresentado que ela foi uma beguina[15], destacando-se como uma das personalidades mais notáveis e reconhecidas desse movimento.

Porete pertencia à nobreza ou vinha de uma família abastada, dada sua capacidade de produzir e reproduzir cópias de seu livro, e sua alfabetização e formação teológica também indicam seu status social. Sua obra *"Mirrouer des âmes simples et anéanties et qui seulement demeurent en vouloir et désir d'amour"* (Espelho das almas simples e aniquiladas que permanecem somente na vontade e no desejo do amor), pela qual Marguerite foi condenada; é composta por 138 capítulos escritos em francês antigo, e não em latim que era o exigido na época, com uma linguagem em formato de uma de prosa mesclada com versos poéticos, onde

[15] "As beguinas foram parte de uma era de forte florescimento espiritual durante a Idade Média. (...), no século 12, o estilo de vida semi-religioso das beguinas na região de Flandres (hoje ocupada por parte da França, Bélgica e Holanda), que serviu de terceira via para mulheres de todas as classes e condições financeiras. Elas não pertenciam a nenhuma ordem religiosa, o que as permitia criar suas próprias regras. Dependendo dessas normas, elas podiam viver como itinerantes solitárias ou até em comunidades de clausura, sem a presença ou influência de nenhum homem, com grande variedade entre esses dois extremos. (BBC, Quem eram as beguinas, mulheres que viviam em comunidades sem homens na Idade Média. Disponível em: Quem eram as beguinas, mulheres que viviam em comunidades sem homens na Idade Média - BBC News Brasil)

a filósofa explora doutrinas esotéricas e otimistas da aniquilação da alma - da completa união transformadora da alma em Deus; uma analogia que mistura filosofia, literatura e teologia. Nele, Porete aborda questões profundas sobre a relação entre Deus e a alma. Sendo escrita na forma de um "espelho", comum na Idade Média, com a ideia de refletir sobre um percurso místico realizado por meio de uma escrita de si mesma, como uma espécie de auto reflexo ou autoconhecimento; explorando a trajetória da alma para reencontrar sua verdadeira essência divina, perdida após a "queda". Para ela, a alma é originalmente criada à imagem e semelhança de Deus, almeja retornar a sua condição original, esse retorno é contemplado como um processo dialético crescente e contínuo em espirais de autossuperação e negação, incluindo mortificações, que se culmina na nadificação ou na aniquilação completa da alma. Neste ponto de completa renúncia do eu, através da abstenção do "todo", ocorre a união definitiva com o Divino, em uma fusão onde a alma não necessita buscar mais a Deus, pois ela se transforma em Deus, ou seja, volta ao seu estado primitivo. Mas esse é um processo escalonado com estágios e etapas definidas, de acordo com Ceci Baptista Mariani:

> O aniquilamento é seu grande tema. Ele é, para ela, fruto de um processo que implica várias mortes. Marguerite vai distinguir, nesse caminho, sete estados: ao longo dos quatro primeiros se dá a libertação da alma que se encontra embaraçada pelo pecado, pela escravidão da natureza, pela escravidão da razão e pela escravidão do desejo. O quinto estado será para Marguerite um marco fundamental. Depois de morta para o pecado e morta para a natureza, a alma que se dispôs a empreender esse caminho experimenta a morte para o espírito, porta de entrada para a vida de glória que será plena somente quando da união definitiva com o amado "LoinPrès". O quinto estado é o da "liberdade da caridade"; a alma aí se encontra desembaraçada de todas as coisas. O sexto é o estágio em que a alma tem a visão (provinda do sétimo estágio) da glória que Deus quer para ela, é o estado em que a alma é pura e iluminada. Aí a alma não conhece nada, não ama nada, não louva nada que não Deus, porque sabe que não existe nada que seja fora dele. Nesse estado a alma iluminada não vê nem a Deus nem a ela mesma, mas Deus se vê por ele mesmo nela, por ela, sem ela. Vê tudo o que é por bondade de Deus e sua bondade doada é Deus mesmo, a bondade é o que Deus é. No sexto estado, portanto, a Bondade na alma se vê por sua bondade, se vê na transformação de amor que opera na alma. O sétimo estado é aquele que Amor reserva para a glória eterna. O itinerário descrito no Mirrouer é o movimento que o amado "LoinPrès" – que não é outro senão a Trindade mesma – opera na alma para a manifestação de sua glória. Enfim, a alma aniquilada, amorosa de Deus, lançando-se ao nada, recebe tudo, mais saber do que o contido nas Escrituras, mais compreensão do que a que está ao alcance da razão, ganha a liberdade perfeita e torna-se capaz de experimentar a "paz de caridade" (Mariani, 2012, p. 59)

Além disso, Porete também questiona o papel da igreja no processo de aproximação e encontro para com Deus, com uma analogia onde ela separa a alma em duas categorias: as

“almas livres” que tem a capacidade de alcançar a liberdade ou a “verdadeira felicidade” ou das “grandes igrejas”, em outras palavras aqueles que aniquilam suas almas e reencontram-se com seu estado original, volta-se em Deus sem a necessidade de um terceiro elemento apenas de si mesmo. E a segunda categoria é a das “almas complexas”, que aderem estritamente às doutrinas e regras estabelecidas pela autoridade eclesiástica, buscando o divino fora de si mesmas, numa tentativa de preencherem as lacunas sobre si em si mesmos e assim aproximar-se do “divino” buscam se agarrar a imagem da igreja como uma espécie de barco salvador ou guia para a “verdadeira felicidade”. Conforme os comentários tecidos sobre as ideias de Marguerite Chiara Zambini nos diz:

> A chave religiosa para compreender as almas complexas e as almas simples é esta. As almas complexas são as almas que buscam a Deus, que é Amor, fora de si, isto é, nas obras boas e nos comportamentos virtuosos. As almas simples coincidem com a unidade simples, que é Deus dentro de si e não fora de si, ao que chamamos de Amor. (Zambini, 1997, p. 35)

Então quando entendemos o que Marguerite tenta nos dizer que a partir do pressuposto de que não se há uma necessidade real de se seguirem as regras da Igreja hierárquica para se alcançar a perfeição, a verdadeira liberdade ou felicidade, mas somente a própria natureza ou a vontade livre d si pelo si explorando em seu próprio interior, onde não toma como necessário se regular através de leis, dogmas ou normas de uma instituição religiosa, pois não há necessidade de se indicarem os comportamentos justos ou injustos de acordo com regras de comportamentos sociais e tidos como corretos e piedosamente justos; se basta apenas que as almas simples continuem seu caminho em direção a própria natureza, que consiste-se apenas no Ser, a Deus em palavras mais curtas, movendo-se de encontro ao Amor.

> [...] se identifica com o próprio Amor ou Ser de Deus, havendo uma espécie de anulação da própria alma complexa (alma velha), centrada no dualismo, uma vez que não há mais diferença entre amor e vontade, mas apenas Amor. Trata-se de um salto da experiência empírica do agir para a experiência mística do amor, em que a alma vivencia o próprio Ser de Deus - com um único problema: a união ou identificação da alma com Deus se dá pela razão ou vontade livre.(Costa; Costa. 2019, p.158)

A experiência mística do amor, que Porete nos apresenta através dessa discussão integrada de filosofia e teologia, é caracterizada como uma união profunda e transcendental com o divino, onde a alma se encontra com o seu Ser original, encontra-se em Deus; este encontro pode ser interpretado através da perspectiva que ocorre através da razão e da vontade livre, elementos que são o cerne essencial da natureza humana. Como de uma "luz da razão" que pode ser vista como uma metáfora para a iluminação espiritual que guia a

inteligência (razão) para além do empírico, em direção a uma compreensão mais profunda da existência divina, e em subsequência de si mesmo. Este conceito ressoa com as ideias de filósofos como o filósofo francês Henri Bergson, que via a experiência mística como intensificada pela presença do élan vital[16], definida como ‘o próprio amor de Deus, se não for Deus em si mesmo’, a união da alma com Deus pela razão ou vontade livre é onde a fé é vista como um casamento entre a alma e Deus, iniciando a vida eterna através dos conhecimentos provenientes da sabedoria divino, do próprio Deus.

Posto isso, a proposta de aniquilação da alma, ou simplesmente do todo, proposta por Marguerite Porete em sua obra "O Espelho das Almas Simples e Aniquiladas", podemos entender que a figura institucional da igreja e do clérigo é completamente desnecessária e irrelevante para se “conhecer” Deus; argumentando que é apenas necessário que nos despojamos de todo desejo e vontade própria, onde a alma se tornaria nada e, nesse nada, encontra-se o todo, transformando-se em uma alma simples, inclusive uma compreensão e um conhecimento de Deus que transcendem as Escrituras e a razão humana. O que completamente contra as tradições cristãs, desafiando a autoridade da Igreja ao propor que o conhecimento divino é acessível diretamente pela alma individual, sem intermediários, o que para a época era visto como uma ameaça à estrutura hierárquica e ao poder da Igreja; e graças a isso ela foi condenada como herege e queimada na fogueira em 1310.

Um dos fatos mais interessantes e “inspiradores” sobre Marguerite é que em nenhum momento durante o seu julgamento e posteriormente a sua condenação ela recuou ou se deixou abalar pelo seu destino, preferindo se manter silenciosa e firme em suas convicções mesmo sob a ameaça iminente de morte, mesmo que os fatos que precederam sua execução possam ser considerando injustos e até hediondos ela ainda manteve uma atitude íntegra e corajosa. Sua vida e morte levantam questões importantes sobre a liberdade de pensamento e expressão, e o preço que pode ser pago por aqueles que desafiam as autoridades estabelecidas. Marguerite Porete e sua obra continuam a inspirar debates e reflexões sobre a natureza da fé, a autoridade religiosa e o poder da consciência individual.

---

[16] Na investigação filosófica sobre a mente, a expressão **elã vital** é uma expressão de origem francesa (*élan vital*) que foi utilizada por Henri Bergson (1859-1941) para designar um impulso original de criação de onde proviria a vida e que, no desenrolar do processo evolutivo, inventaria formas de complexidade crescente até chegar, no animal, ao instinto e, no homem, à intuição, que seria o próprio instinto tomando consciência de si mesmo. (Wikipedia. Elã vital. Disponível em: Elã vital – Wikipédia, a enciclopédia livre. Acessado em: 29 de Outubro de 2024)

3.2 Contribuições das memórias históricas das filósofas mulheres medievais e a luta contra a invisibilidade

As contribuições das filósofas medievais fazem parte de uma memória histórica essencial para uma compreensão mais ampla da filosofia medieval, sobretudo quando examinadas à luz do conceito de "memória histórica" proposto por Paul Ricoeur (2012), que concebe a memória histórica como uma construção ativa e dinâmica que ultrapassa o mero acúmulo de eventos passados, constituindo-se em uma estrutura que "molda" a identidade coletiva e a autocompreensão de uma sociedade.

Sob essa perspectiva, as contribuições das mulheres filósofas, frequentemente relegadas a notas de rodapé ou referências superficiais na historiografia filosófica tradicional, ganham nova relevância. Essas figuras emergem como agentes fundamentais, enriquecendo a diversidade e complexidade do cenário intelectual da época. Assim como a invisibilidade dessas mulheres, fenômeno que transcende a mera ausência de nomes femininos nos cânones tradicionais, essa exclusão revela camadas profundas de controle social, epistemológico e simbólico que restringiram a participação feminina nos círculos intelectuais e espirituais da época. Contudo, algumas mulheres filósofas se destacaram ao desafiar essas limitações, utilizando estratégias de resistência e criação para afirmar suas vozes em um cenário dominado por homens e instituições patriarcais.

Deve-se levar em consideração que na Idade Média o saber filosófico estava quase completamente ligado à teologia e, portanto, restrito ao controle da Igreja; essas mulheres que muitas vezes eram vistas como inferiores intelectual e espiritualmente, eram privadas do acesso à educação formal e das mesmas oportunidades para debater em espaços públicos que os homens tinham. Essa visão da mulher como menos racional, permeada por interpretações tendenciosas das escrituras religiosas e da filosofia clássica, contribuiu para a exclusão sistemática das mulheres da história da filosofia.

A "invisibilidade" das mulheres na filosofia medieval não é, então, uma ausência natural, mas uma construção socialmente imposta. De acordo com contexto medieval, muitas dessas mulheres não apenas contribuíram para o desenvolvimento do pensamento filosófico e teológico, como também foram ativas em áreas como a medicina, a literatura e as ciências naturais. Suas produções e ideias eram, em muitos sentidos, preservadas por seus discípulos, correspondentes ou pela própria Igreja, mas sem o devido reconhecimento dado aos seus

contemporâneos masculinos. Para Ricoeur (2012), a “representação do passado” manifesta-se na medida em que essas mulheres, em um cenário de resistência cultural, social e religiosa, construíram suas próprias narrativas. Dessa forma, criaram uma memória histórica alternativa e rica em interpretações, com biografias e autobiografias que trazem à tona um diálogo crítico com a sociedade medieval e sua própria identidade.

Do ponto de vista filosófico, esta invisibilidade feminina pode ser assimilada por meio da teoria de Michel Foucault (2008) sobre o “poder e o conhecimento”[17]. De acordo com esse contexto, a filosofia medieval foi em grande parte delimitada pelos cânones religiosos e pelas autoridades eclesiásticas, que eram os principais reguladores e detentores de poder sobre o que era o saber; e esse poder não somente ditava quais tipos de conhecimento eram válidos, como também determinava quais vozes poderiam ser ouvidas, e consequentemente “arquivadas” e conhecidas, lembradas no sentido mais básico da palavra. As mulheres nesse sentido, enquanto um grupo social marginalizado, eram vistas como incapazes de alcançar a “objetividade” e “racionalidade” exigidas para a prática filosófica, atributos que foram atribuídos exclusivamente aos homens. Sob essa ótica, o conhecimento feminino era excluído por ser considerado “subjetivo” ou “inferior”, uma característica que ajudou a invisibilizar suas contribuições.

Essa exclusão, porém, não ocorria exclusivamente como reflexo dos preconceitos da época, mas sim como um mecanismo ativo de controle social, que visava submeter as mulheres a um papel de inferioridade, isolando-as de fontes de conhecimento e menosprezando suas vozes e ideias. Mas filósofas como Hildegarda de Bingen, Cristina de Pisano, e Marguerite Porete, que desafiaram essa exclusão e lutaram para serem ouvidas e respeitadas, muitas vezes o fizeram por meio de narrativas místicas e literárias, encontrando no misticismo e na escrita um espaço onde podiam expressar suas ideias com liberdade e satisfação, e mesmo quando eram imputadas a fortes empresários continuaram a divulgar seus conhecimentos e a defender suas filosofias. No entanto, apesar de suas constantes

[17] Foucault argumenta que o conhecimento não é apenas uma ferramenta neutra para entender o mundo, mas está intrinsecamente ligado às estruturas de poder que o produzem e o sustentam. Foucault sugere que o poder e o conhecimento são mutuamente constitutivos: o poder cria e molda o conhecimento, enquanto o conhecimento reforça e legitima o poder. Ele introduz o conceito de "saber-poder" para descrever essa relação simbiótica. Segundo Foucault, as instituições sociais, como escolas, prisões e hospitais, são locais onde o saber-poder é exercido e perpetuado.
Um exemplo claro dessa dinâmica é a disciplina, que Foucault analisa em "Vigiar e Punir". Ele mostra como as práticas disciplinares nas instituições moldam os corpos e as mentes dos indivíduos, criando sujeitos que internalizam as normas e os valores impostos pelo poder. A disciplina, portanto, não é apenas uma forma de controle físico, mas também uma maneira de produzir conhecimento sobre os indivíduos e de moldar suas identidades. FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber.** Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2008.

batalhas para serem ouvidas e levadas a sério, as suas ideias ainda eram frequentemente apagadas ou reinterpretadas visando minimizar o seu valor intelectual, reduzindo-as a notas de rodapé ou referências marginais na história da filosofia. Esse tipo de invisibilidade implica que o "lugar da mulher" na filosofia medieval foi cuidadosamente construído como uma ausência, uma presença obliterada pela força das normas patriarcais que dominavam a sociedade.

As memórias das filósofas medievais como por exemplo, a da mística Hildegarda de Bingen, que através de seus sonhos místicas e das suas interpretações teológicas sobre os mesmos, ofereceu uma leitura crítica e uma nova dinâmica do universo espiritual e natural do mundo, desafiando as visões predominantes sobre o papel das mulheres e do conhecimento feminino; nas suas obras Bingen escrevia sobre temáticas como teologia, medicina, música e linguística, que resistiram ao tempo nos permitindo compreender como a sua influência contribuiu para a filosofia e teologia medieval. Ou da própria Marguerite Porete, que em sua filosofia promove reflexões profundas sobre a liberdade interior, a relação com o divino e uma crítica à estrutura eclesiástica; já que em seu livro "O Espelho das Almas Simples e Aniquiladas", não apenas apresenta uma visão mística que entrava em embate com as ideias e normas vigentes, ao propor a "aniquilação" do eu para uma união direta com Deus, como também questiona a necessidade de intermediação da Igreja nesse processo de busca pelo divino. Ela ainda divide as "almas livres" das "almas complexas", propondo que as primeiras buscam uma experiência direta com Deus, sem depender das doutrinas e rituais impostos pela hierarquia religiosa; o que coloca em xeque a autoridade da Igreja ao sugestionar que o conhecimento divino é acessível diretamente pela alma individual sem que se tenha a necessidade de terceiro elemento ou intermediário no processo, um conceito que desafia o controle da instituição sobre a espiritualidade das pessoas. Outro exemplo significativo é de Cristina de Pisano, que foi uma escritora e pensadora política e moral italiana, sendo considerada a precursora na defesa do valor e da capacidade intelectual das mulheres, considerada uma das primeiras feministas da história por defender a educação feminina, a autonomia e a dignidade das mulheres em uma sociedade dominada pelos homens. Em sua obra "*A Cidade das Damas"*, Pisano reinterpreta e reconstrói o passado com uma narrativa que exalta a dignidade e o mérito das mulheres, desafiando diretamente as representações misóginas da época.

Ao analisarmos as filósofas sob a lente da memória proposta por Ricoeur (2012), percebemos que a preservação e o arquivamento de suas obras representam uma continuidade de diálogos ricos com o presente. Escritos de mulheres como Hildegarda de Bingen, Marguerite Porete e Christine De Pizan não apenas atravessam o tempo, mas também permitem que seus pensamentos sejam rememorados, reinterpretados e situados na história das ideias filosóficas e teológicas; assim, a memória histórica atua como uma ponte que conecta séculos de história e ideias, contribuindo para um "mosaico mais complexo" da experiência humana, no qual as vozes femininas se tornam centrais para a compreensão do desenvolvimento histórico e filosófico. Dessa forma, as experiências e reflexões das mulheres medievais assumem um papel vital na construção da identidade intelectual da época, não apenas um personagem secundário que serve para elevar os protagonistas

As contribuições das filósofas medievais transcendem o caráter de um mero registro do passado, agindo como forças vivas que desafiam narrativas dominantes e ampliam nossos horizontes interpretativos; a memória histórica nesse sentido é continuamente reavaliada, adaptando-se e moldando-se a nossa percepção sobre a identidade social e cultural. As memórias das filósofas medievais, que emergiram da marginalização na historiografia, não apenas dialogam com o nosso tempo presente, mas também reivindicam seu espaço na construção da identidade histórica coletiva. Incluir suas contribuições não é apenas corrigir uma omissão histórica, mas expandir a compreensão do passado, enriquecendo a memória coletiva com perspectivas diversas e oferecendo novas reflexões sobre a capacidade e a resiliência das mulheres.

A investigação acerca das filósofas medievais desdobra-se em uma fascinante jornada de redescoberta e rememoração, que se harmoniza com a perspectiva proposta pelo hermeneuta francês Paul Ricoeur (2012) sobre "a memória histórica ser fundamentalmente um processo interpretativo".

Essas mulheres que eram frequentemente ofuscadas pelo cânone filosófico dominado por homens, oferecem uma perspectiva singular que enriquece a tapeçaria da memória histórica filosófica vigente, e ao incorporarem as suas experiências e visões femininas, elas não somente desafiavam a narrativa tradicional como contribuíram para a construção de um conhecimento filosófico mais abrangente e diversificado. Este é um processo que não apenas ilumina aspectos anteriormente negligenciados da história, mas também promove uma

compreensão mais holística e inclusiva da trajetória humana, provando que a capacidade e aptidão racional não se limita a uma questão de gênero.

4 O RECONHECIMENTO SOCIAL DAS FILÓSOFAS NA MODERNIDADE E NA CONTEMPORANEIDADE

Durante séculos, o legado intelectual das mulheres permaneceu marginalizado, não necessariamente por falta de produção, mas por um sistema de transmissão do conhecimento que excluía suas contribuições. A modernidade, marcada pelo Iluminismo e pela ascensão do racionalismo, trouxe a promessa de um pensamento universal e emancipatório, mas a inclusão das filósofas no cânone filosófico só ganhou maior visibilidade muito tempo depois, sobretudo a partir do século XIX.

A luta pelo reconhecimento social das filósofas na modernidade pode ser entendida como parte de um movimento mais amplo de questionamento das estruturas de poder e das hierarquias de gênero no campo do saber. A modernidade, ao definir o que seria a razão e o sujeito universal, inadvertidamente consolidou um modelo centrado na figura masculina, relegando à mulher o papel de objeto, como se fossem uma propriedade seja de seu pai ou marido, e não um sujeito de conhecimento com capacidade de racionalizar e discutir filosoficamente. As mudanças sociais trazidas pelo Iluminismo e, posteriormente, pelos movimentos de emancipação feminina, contribuíram para que as mulheres começassem a ter mais acesso à educação e, em alguns casos, à produção intelectual. No entanto, ainda era raro que fossem reconhecidas oficialmente como filósofas, e quando eram reconhecidas eram menosprezadas ou ridicularizadas por seus pares. Muitas delas tinham que publicar suas obras sob pseudônimos masculinos ou anonimamente para que fossem aceitas, e aquelas que conseguiram reconhecimento o fizeram em meio a dificuldades.

Contudo, ainda que tivessem diversos impedimentos para as mulheres, algumas poucas filosofas lograram adentrar o cenário filosófico, como Mary Wollstonecraft[18],

[18] Mary Wollstonecraft (1759–1797) foi uma escritora, filósofa e pioneira do feminismo moderno. Nascida em uma família inglesa de classe média em Spitalfields, Londres, Wollstonecraft enfrentou uma infância marcada por instabilidade financeira e abusos familiares, o que moldou sua visão crítica sobre as desigualdades sociais e de gênero. Determinada a conquistar independência intelectual e financeira, trabalhou como governanta, educadora e tradutora, antes de se estabelecer como escritora. Sua obra mais famosa, *A Vindication of the Rights of Woman* (*Reivindicação dos Direitos da Mulher*, 1792), tornou-se um marco no pensamento feminista. Nela, Wollstonecraft argumenta que as mulheres não são inferiores aos homens por natureza, mas são limitadas por uma educação deficiente que as prepara apenas para papéis subordinados. Ela defendeu a igualdade na educação como um caminho para a emancipação feminina e uma sociedade mais justa. FEMENIAS, María Luisa. **Ellas lo pensaron antes:** filósofas excluidas de la memoria. 1a ed, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Ediciones Lea, 2020.

Margaret Cavendish[19], Catharine Macaulay[20] e Elisabeth da Bohemia o fizeram em contextos de resistência e contestação, abordava temas de crítica social e política, questionando tanto a estrutura familiar patriarcal quanto o próprio sistema educacional que marginalizava a educação feminina. Elas deram os primeiros passos para inserir a experiência feminina no campo da filosofia, mas seu reconhecimento social como filósofas foi limitado e frequentemente desvalorizado.

Com a contemporaneidade e o advento dos estudos de gênero e do movimento feminista, o cenário de reconhecimento social das filósofas começou a mudar de forma mais expressiva. A partir do século XX, um processo de redescoberta e de inclusão de vozes femininas na história da filosofia foi ganhando corpo, com pesquisadoras e estudiosas revisitando obras e trazendo à luz a produção intelectual de mulheres que, apesar de invisibilizadas, contribuíram significativamente para o desenvolvimento do pensamento filosófico. Essa mobilização pelo resgate e revalorização passou a reinterpretar e ressignificar o papel das mulheres na filosofia, questionando o próprio conceito de cânone filosófico e criticando as barreiras institucionais que perpetuavam a exclusão feminina. Desde esse ponto, a filosofia produzida por mulheres passou a ganhar cada vez mais relevância, mesmo que com picos de resistência e conflito, especialmente dentro das instituições filosóficas tradicionais, as quais permaneciam cegamente focadas em obras de grandes pensadores masculinos.

---

[19]Margaret Cavendish (1623–1673) foi uma escritora, poeta, dramaturga e filósofa inglesa, marcando seu lugar como uma das figuras mais notáveis do século XVII. Nascida em uma família aristocrática, Cavendish teve acesso limitado à educação formal, mas sua curiosidade intelectual e determinação a levaram a participar ativamente dos debates filosóficos de sua época. Casou-se com William Cavendish, Duque de Newcastle, que apoiou sua produção literária e filosófica, permitindo-lhe cultivar suas ideias em um ambiente encorajador. A filosofia de Cavendish se destaca por sua rejeição ao mecanicismo cartesiano e ao experimentalismo extremo da ciência moderna emergente. Ela propôs uma visão holística e vitalista do mundo natural, em que a matéria é composta por três tipos de substância (racional, sensitiva e inanimada), todas dotadas de vida e atividade inerentes a.Cavendish rejeitava a ideia de que a natureza pudesse ser tratada como uma máquina sem vida, defendendo que toda a matéria possuía uma forma de percepção. Em suas obras, ela enfatizava a interconexão entre todos os seres e a necessidade de reconhecer a agência da natureza, abordando temas que hoje dialogam com o ambientalismo e a ética animal. RODRIGUES, Daniely Medeiros. **Dicionário das filosofas mulheres.** (Prelo)

[20]Catharine Macaulay foi uma filósofa, historiadora e escritora política britânica. Ela foi educada particularmente, e suas leituras na história grega e romana inculcaram nela um entusiasmo pelos ideais libertários e republicanos. Após seu casamento com o médico escocês George Macaulay em 1760, ela começou sua História da Inglaterra desde a Ascensão de Jaime I até a da Linha de Brunswick, publicada em oito volumes entre 1763 e 1783, na qual defendeu a causa parlamentar, condenou Oliver Cromwel como um tirano e encontrou seus próprios ideais republicanos refletidos no parlamentar John Hampden. A História foi amplamente lida, apesar das controvérsias geradas por suas claras simpatias republicanas. Catharine Macaulay foi uma pensadora notável, cujas ideias abordaram questões morais, educação e igualdade de gênero. Ela desafiou as normas de sua época e contribuiu para o desenvolvimento do pensamento político e social. Macaulay se destacou por sua defesa da liberdade, da república e da igualdade entre homens e mulheres. RODRIGUES, Daniely Medeiros. **Dicionário das filosofas mulheres.** (Prelo)

Ao chegarmos à contemporaneidade, o reconhecimento das filósofas tem avançado de maneira lenta, mas significativa. Esse progresso é impulsionado pelo crescimento das áreas de estudo dedicadas ao pensamento feminista e à filosofia de gênero. Diversas filósofas contemporâneas, como Judith Butler, Martha Nussbaum[21] e Angela Davis, ganharam notoriedade ao abordar temas inovadores e urgentes, como a teoria queer, a justiça social, a ética das emoções e a relação entre corpo e subjetividade. As obras de Butler, por exemplo, desafiou as noções tradicionais de gênero ao propor a teoria da performatividade, que sugere que o gênero não é uma essência fixa, mas sim um conjunto de atos repetidos que constroem a identidade. Esse tipo de contribuição revolucionária gerou debates e inspirou uma nova geração de filósofas e pensadoras, consolidando a importância da filosofia produzida por mulheres e ampliando o entendimento das construções de identidade, poder e opressão. O reconhecimento social dessas filósofas na contemporaneidade não é, no entanto, apenas uma questão de inclusão tardia, mas envolve uma reestruturação do próprio modo como a filosofia é pensada e ensinada. A incorporação de perspectivas femininas e de gênero trouxe novos temas e metodologias, questionando as premissas que sustentam o campo e propondo uma filosofia mais inclusiva e plural. Esse processo também reflete uma transformação das instituições acadêmicas e culturais, que vêm progressivamente valorizando a diversidade de vozes e, ao mesmo tempo, criando espaços para a filosofia das mulheres, seja através de programas de estudo dedicados, seja por meio de conferências e publicações especializadas.

Para Paul Ricoeur (2006) o reconhecimento se define como uma categoria analítica multifacetada, que envolve o reconhecimento de algo ou alguém como possuidor de valor, dignidade ou capacidade. No caso das filósofas, a falta de reconhecimento começa no nível mais básico: o reconhecimento de sua capacidade intelectual e contribuição ao saber filosófico; o reconhecimento nesse sentido, é essencial para a construção de uma identidade social e filosófica, pois permite que as filósofas se vejam e sejam vistas como agentes

[21]Martha Craven Nussbaum (1947-) é uma filósofa contemporânea de renome internacional, reconhecida por suas contribuições à ética, filosofia política, filosofia do direito e estudos de gênero. Nascida em Nova York, Nussbaum formou-se em Letras Clássicas pela Universidade de Harvard e desenvolveu sua carreira acadêmica em instituições renomadas, como Harvard, Brown e, mais recentemente, a Universidade de Chicago, onde leciona Direito e Ética. Filha de uma família privilegiada, Nussbaum enfrentou e superou desafios pessoais e ideológicos que moldaram sua visão de mundo. Sua formação em Filosofia Antiga, especialmente no pensamento de Aristóteles e nos textos estoicos, foi a base para a construção de uma filosofia prática voltada para questões humanas universais, como a justiça, a igualdade e o bem-estar. Ao longo de sua carreira, Nussbaum se destacou por seu estilo interdisciplinar, dialogando com economia, ciência política, literatura e psicologia para construir argumentos filosóficos que respondem a problemas contemporâneos. Sua abordagem prática reflete um compromisso com a aplicação da filosofia na melhoria da vida humana. SÁNCHEZ, Edith. **Martha Nussbaum e as 10 capacidades básicas.** Disponível em: Martha Nussbaum e as 10 capacidades básicas. Acessado em: 04 de Novembro de 2024.

legítimas e de importância dentro da comunidade acadêmica. Um importante aspecto que lhes foi negado durante muitos séculos, já que eram usualmente excluídas das instituições acadêmicas e dos círculos filosóficos, limitadas em seus direitos e vistas como seres de intelectualmente inferiores. E mesmo na modernidade, o reconhecimento das filósofas ainda é precário, não somente como pensadoras capazes, mas como agentes transformadores no desenvolvimento do pensamento filosófico, e isto resultou na invisibilidade e silenciamento de muitas de suas contribuições e vozes.

Durante a modernidade, o reconhecimento das mulheres como agentes intelectuais foi quase inexistente, mas filósofas e pensadoras, como Anne Conway ou Émilie du Châtelet; as quais não foram reconhecidas frequentemente por seus contemporâneos como filósofas em sentido pleno, e tiveram as suas obras eram interpretadas como meras reflexões pessoais ou devaneios menores, acabarem indo de encontro com os muros que as detinham em de serem vistas e ouvidas, e lutaram com afinco para serem reconhecidas e respeitadas como filosofas e acadêmicas capazes.

> A ausência das mulheres nas histórias “oficiais” da filosofia, que Celia Amorós caracterizou como “motivos do esquecimento da razão”, baseia-se numa concepção tendenciosa da sua história, de modo que apenas fragmentariamente e após árdua investigação bibliográfica, chegamos saber que houve filósofas e pensadoras que propuseram, comentaram, dialogaram e examinaram criticamente as obras dos filósofos homens de seu tempo. Entre elas, Lucrezia Marinella, Marie de Jars de Gournay, Anna Maria von Schurman, Margaret Cavendish, Marie Winckelmann von Kirch, Anne Finch Conway e Émilie du Châtelet tiveram uma extensa produção literária, filosófica e científica, da qual apenas uma pequena parte foi publicado. Chegou até nós, às vezes, sob a rubrica pejorativa de "filosofia feminina" ou "filosofia para mulheres". (Femênias, 2020, p. 98)

Seguindo ainda a linha dos pensamentos de Ricoeur (2006), podemos pontuar que um elemento de extrema importância para esse reconhecimento das mulheres na filosofia, se fundamenta através do reconhecimento mútuo, em que as relações entre sujeitos são caracterizadas pela reciprocidade, ou seja, onde essas mulheres são reconhecidas publicamente e academicamente por outros pensadores. Mas para que esse reconhecimento aconteça, é necessária a existência de uma troca simbólica em que cada parte veja e aceite a outra como uma igual. Nessas circunstâncias as filósofas, particularmente na modernidade, a reciprocidade era um desafio, pois as mulheres raramente encontravam espaço para diálogo e reconhecimento mútuo dentro de um ambiente filosófico dominado por homens. Durante a modernidade, filósofas que alcançaram algum reconhecimento, como Elizabeth da Boêmia

em sua correspondência com Descartes, que influenciou significativamente o pensamento do filósofo, onde Descartes dedicou-lhe sua obra de maturidade metafísica, “Princípios da Filosofia Primeira” (1644), e redigiu o “Tratado das Paixões da Alma” (1649) como resultado das questões levantadas por Elisabeth após sua leitura das “Meditações Metafísicas” (1641); ou Karoline von Günderrode o faziam à margem, sem uma rede de suporte ou reconhecimento coletivo de seus pares.

O reconhecimento social das filósofas é um processo que se insere em uma discussão mais ampla sobre o valor e a dignidade das identidades marginalizadas, tema trabalhado na obra de Axel Honneth “Luta por Reconhecimento”. Onde Honneth (2003) nos faz entender que o reconhecimento é uma condição essencial para o desenvolvimento da identidade individual e coletiva, de acordo com isso as relações sociais baseadas no reconhecimento recíproco sustentam a integração e o respeito entre os membros de uma sociedade. Ao analisarmos a luta pelo reconhecimento social e acadêmico das filósofas podemos compreender que na atualidade se há uma tentativa de corrigir uma exclusão histórica e invisibilidade em um esforço para valorizar as contribuições das mulheres à filosofia, que, por séculos, foram subestimadas, ignoradas ou invisibilizadas.

Axel Honneth ainda identifica três esferas do reconhecimento sendo eles: o amor, o direito e a solidariedade, e todas elas podem ser aplicadas para entender como as filósofas foram, e podem vir a ser, reconhecidas na sociedade. Na primeira esfera, o amor, refere-se ao reconhecimento nas relações íntimas e afetivas, sendo uma etapa inicial no desenvolvimento da autoconfiança; durante a modernidade muitas mulheres filósofas, como Mary Wollstonecraft e Émilie du Châtelet buscaram um reconhecimento inicial em seus círculos familiares e privados, desenvolvendo suas ideias filosóficas e defendendo seus pontos de vista em um contexto limitado e confortável, sob a proteção e o incentivo de seus familiares e amigos que as respeitavam, assim como as suas ideias. Esse tipo de reconhecimento vindo das pessoas mais próximas e íntimas foi crucial para que as filósofas pudessem desenvolver suas teorias e visões com mais liberdade e sem serem ridicularizadas, mesmo em um contexto em que reconhecimento público ainda lhes era amplamente negado, e as que tinha algum direito a ele eram em sua maioria de famílias nobres ou com condições econômicas abastadas. Esse apoio inicial permitiu que algumas mulheres dessem os primeiros passos para compartilhar suas ideias, embora o acesso às instituições formais de educação e à participação pública no discurso filosófico ainda estivesse restrito.

Na esfera dos direitos, o reconhecimento ocorre no contexto da cidadania e da justiça formal, representando um avanço significativo na modernidade, e posteriormente na contemporaneidade, à medida em que os movimentos dos direitos das mulheres ganharam mais força durante o final século XIX e o início do século XX, onde a luta pelo reconhecimento das mulheres em um contexto geral, não somente na filosofia, avançou para o plano político e jurídico. As reivindicações feministas abrangiam desde o direito à educação superior e à participação nas instituições acadêmicas e científicas, ambientes onde a produção filosófica era, e ainda é amplamente realizada, até o direito ao voto, escolhendo seus representantes políticos, que lutassem com elas e para elas. Esse reconhecimento jurídico permitiu que as mulheres pudessem, finalmente, entrar no espaço público da filosofia, reivindicando igualdade no acesso ao ensino, ao direito à própria liberdade de escolha e ao exercício profissional. Nomes como Simone de Beauvoir, Hannah Arendt e Luce Irigaray emergem nesse cenário trazendo uma visão crítica que desafia não só as estruturas patriarcais, mas também as próprias bases da filosofia ocidental que relegam as mulheres ao silêncio. Esse reconhecimento legal, contudo, embora representasse um progresso, ainda não foi suficiente para dissolver o preconceito institucional que persistia e que limitava o alcance e a aceitação plena das contribuições das mulheres filósofas.

A terceira esfera proposta por Honneth (2003), situada como solidariedade, é especialmente relevante ao analisarmos a contemporaneidade, na qual o reconhecimento abrange-se do respeito e do valor que uma sociedade atribui a seus membros por suas contribuições particulares e únicas na academia. E mesmo que nesse período histórico as mulheres tenham conquistado direitos iguais em muitos aspectos formais, a luta pelo reconhecimento solidário revela as barreiras mais débeis que persistem no meio acadêmico e intelectual. A solidariedade, conforme Honneth (2003) descreve, envolve o reconhecimento das diferenças e a valorização das diversas perspectivas que cada indivíduo traz para a sociedade. No caso das filósofas, a solidariedade implica não apenas aceitar que as mulheres produzem filosofia, mas também valorizar a especificidade e a riqueza que suas experiências e pontos de vista podem proporcionar ao campo acadêmico filosófico.

No contexto contemporâneo, o movimento pela visibilidade das filósofas passa por uma meticulosa reavaliação e uma ressignificação histórica da filosofia. Pesquisas que redescobrem e enfatizam a obra de pensadoras como Michèle Le Doeuff, Iris Murdoch e Judith Butler apontam para uma tentativa de corrigir as omissões históricas e de reconstruir

uma genealogia filosófica inclusiva. Esse esforço visa não apenas dar às filósofas o reconhecimento devido, mas também alterar a estrutura filosófica para que ela seja mais receptiva e representativa de uma diversidade de perspectivas. Honneth sugere que o reconhecimento solidário é vital para o desenvolvimento das sociedades, pois ele cria um sentido de pertencimento e valor que é necessário para a realização da liberdade individual e coletiva. Aplicado ao contexto das filósofas, o reconhecimento solidário implica na criação de um espaço em que suas vozes possam ser ouvidas e apreciadas, contribuindo para uma filosofia mais completa e humanizada. Muitas vezes, suas obras ainda são abordadas como temas periféricos ou restritos à filosofia feminista, enquanto a filosofia geral segue sendo amplamente dominada por homens e por perspectivas que minimizam as contribuições das mulheres. Além disso, o cânone filosófico, que molda as estruturas curriculares e o imaginário intelectual, ainda marginaliza a presença feminina. Esse fenômeno evidencia uma forma de "desrespeito estrutural" que Honneth aponta como um problema de reconhecimento solidário: a falta de reconhecimento impede que essas filósofas sejam vistas como agentes legítimos de conhecimento, o que perpetua uma desigualdade simbólica que reduz sua participação no campo intelectual.

A luta pelo reconhecimento das filósofas na modernidade e na contemporaneidade é, portanto, uma luta pela realização de um ideal de justiça que valoriza igualmente todas as contribuições à filosofia. Segundo Honneth, o reconhecimento é uma condição indispensável para que os indivíduos se sintam respeitados e valorizados em sua plena humanidade. As filósofas que, ao longo dos séculos, desafiaram a invisibilidade e a marginalização, buscavam mais do que aceitação — elas buscavam uma transformação da própria filosofia, ampliando suas fronteiras para incluir experiências, saberes e questionamentos que foram sistematicamente negligenciados. A busca pelo reconhecimento é, assim, uma luta contínua que reflete a necessidade de uma filosofia verdadeiramente inclusiva, onde as vozes femininas não sejam apenas reconhecidas, mas também celebradas como parte essencial do desenvolvimento da humanidade e do pensamento filosófico.

4.1 Anne Conway - A teoria da substância única e sua crítica ao dualismo Cartesiano

A transição da filosofia medieval para a filosofia moderna representa uma das mudanças mais profundas na história da filosofia do pensamento ocidental, caracterizada principalmente por uma série de transformações conceituais, metodológicas e contextuais que foram relevantes e transformadoras. Essa passagem, que se deu entre os séculos XIV e XVII,

foi impulsionada por uma complexa interação de fatores sociais, culturais e intelectuais, marcando o fim da era dominada pela escolástica e pela teologia cristã e o início de uma nova era onde a ciência e a razão crítica ganharam protagonismo. De acordo com Abrão (2004) o pensamento medieval que estava fortemente vinculado à religião, especialmente ao cristianismo, e tinha como seus precursores filósofos como Santo Agostinho e São Tomás de Aquino, que buscavam conciliar a razão com a fé, utilizando a filosofia clássica, empregando principalmente as ideias propostas por Aristóteles e Platão, para explicar as doutrinas religiosas por meio da razão, e tendo como o seu principal objetivo da filosofia nesse período era compreender a relação entre Deus e o homem, além de explorar questões como a moralidade e a natureza da alma. No entanto, essa estrutura começou a mostrar sinais de desgaste e um declinou no final da Idade Média. A Peste Negra e as crises políticas e religiosas intensificaram o questionamento a autoridade e a visão de mundo oferecida pela Igreja, esse cenário criou as condições para uma nova abordagem filosófica que enfatizava o questionamento crítico, o empirismo e a autonomia da razão humana.

O Renascimento foi um período de redescoberta das obras clássicas e de ênfase na dignidade e capacidade do ser humano – elementos centrais do humanismo renascentista. Filósofos como Petrarca e Erasmo de Roterdã criticaram a escolástica, argumentando que ela havia se tornado excessivamente técnica e afastada das questões reais da vida humana. O humanismo trouxe uma nova abordagem, focada no estudo direto das fontes clássicas e na valorização das capacidades humanas, em particular a razão e a criatividade. Com isso, surgiu uma crítica crescente à teologia escolástica, que alguns intelectuais consideravam uma barreira para o progresso do conhecimento. Além disso, o desenvolvimento de uma consciência histórica incentivou os estudiosos a reinterpretar as ideias dos antigos filósofos com mais independência, levando à redescoberta de Platão e de outras correntes filosóficas pré-cristãs que ofereciam perspectivas distintas das de Aristóteles e da escolástica. Essa mudança de foco contribuiu para a fragmentação da tradição medieval e para o surgimento de novas áreas de investigação.

No século XVII, a filosofia moderna ganhou força com figuras como René Descartes, Francis Bacon, e John Locke. Eles romperam com a dependência do pensamento teológico e começaram a construir uma filosofia baseada na razão, na experiência e na observação do mundo. Descartes, por exemplo, introduziu o método da dúvida como forma de chegar a verdades fundamentais, famoso por sua frase: “Penso, logo existo”. Bacon desenvolveu o método científico, que valorizava a experimentação e a observação como formas de adquirir

conhecimento confiável. Outro marco importante foi a Revolução Científica, liderada por nomes como Galileu Galilei e Isaac Newton. Suas descobertas desafiaram a visão de mundo medieval, baseada em uma cosmologia centrada na Terra, e abriram espaço para um entendimento do universo regido por leis naturais e mecânicas. Agora após conceituarmos e entendermos a transição da filosofia medieval até nós adentramos no período da filosofia modernista. Dito isso, agora vamos destrinchar os aspectos mnemônicos pessoais e filosóficos da filósofa Anne Conway.

Anne Conway, nascida Anne Finch, veio ao mundo em 14 de dezembro de 1631, em Londres, Inglaterra, em uma família de nobreza influente. Seu pai, Sir Heneage Finch, faleceu antes mesmo de seu nascimento, deixando Anne e seus irmãos sob os cuidados de sua mãe, Elizabeth Bennett Finch. Embora as oportunidades educacionais para mulheres fossem limitadas na época, Anne demonstrou, desde cedo, uma curiosidade intelectual que transcendia as barreiras impostas por ao seu gênero. Sua educação, embora tradicional, foi complementada pela orientação de seu irmão mais velho, John Finch, que desempenhou um papel crucial na formação de seu pensamento.

John Finch, que era estudante na Universidade de Cambridge, foi o responsável por introduzir Anne no vasto universo da filosofia. Por meio das correspondências trocadas entre os dois, Anne teve acesso a tratados filosóficos renomados e discussões acadêmicas de ponta. Essas missivas também foram o veículo pelo qual Anne entrou em contato com obras fundamentais da época, como os "***Principia"*** de René Descartes. Mais do que um mediador intelectual, John utilizou sua rede de contatos para apresentar Anne a figuras de destaque no cenário filosófico, como Henry More, um dos principais expoentes da Escola de Cambridge.

A relação com Henry More começou com relutância da parte dele, que inicialmente resistiu aos insistentes pedidos de John Finch para que aceitasse Anne como pupila. Contudo, ao ceder, More iniciou uma relação pedagógica e intelectual que marcaria profundamente a vida de Conway. As frequentes trocas de cartas e visitas consolidaram não apenas uma amizade duradoura, mas também forneceram a Anne uma educação filosófica de altíssimo nível, algo extraordinário para mulheres da época. Sob a tutoria sob o manto de More, Anne desenvolveu suas ideias sobre metafísica e espiritualidade, refinando sua capacidade de análise filosófica. A admiração de More por sua pupila era evidente; com ele chegando a declarar que jamais havia conhecido alguém, homem ou mulher, com a mesma profundidade de compreensão, tanto divina quanto humana, que Anne Conway.

Em 1651, Anne casou-se com Edward Conway, primeiro conde de Conway, e mudou-se para Ragley Hall, onde viveu a maior parte de sua vida. Em 1658, deu à luz seu único filho, Heneage Edward Conway, que faleceu dois anos depois, vítima de varíola. A perda do filho foi um dos episódios mais devastadores de sua vida e teve impacto significativo em sua filosofia. Edward, embora também interessado em filosofia e discípulo

de Henry More, não compartilhava o nível de erudição ou o leque de interesses de sua esposa, mas a apoiava em sua busca por conhecimento e na disseminação de suas ideias.

Anne, que desde de terna idade apresentava sinais de saúde frágil, sofrendo de enxaquecas crônicas e debilitantes, para as quais a medicina da época oferecia poucas soluções, e teve uma considerável piora após o falecimento de seu filho. Acabou relacionando sua luta contra a dor como um fator determinante e significativo em sua jornada intelectual. A busca por alívio levou-a a consultar alguns dos maiores médicos e fisiologistas de sua época, William Harvey sugeriu-lhe uma trepanação; Robert Boyle preparou o ***Ens Veneris***, uma solução alquímica, enquanto Thomas Willis, precursor da neurologia moderna, também tentou ajudá-la. No entanto, nenhuma dessas abordagens trouxe alívio duradouro a ela. Esse sofrimento físico, aliado ao impacto emocional da perda do filho, orientou Anne em direção a uma busca que transcendia o físico, mergulhando no misticismo, na espiritualidade e na filosofia, em uma última tentativa de ter alívio físico e emocional.

Em 1670, Anne conheceu Francis Mercury van Helmont, filho do renomado alquimista paracelsista Johann Baptist van Helmont. Enviado por More e Isabel da Boêmia, van Helmont propôs a ela um tratamento com raízes espirituais, baseado na ideia de que corpo e alma estão interconectados: “Se a alma adoece, o corpo adoece, e vice-versa.” Essa premissa teve impacto significativo posteriormente no desenvolvimento da filosofia de Anne, que moldou suas reflexões filosóficas sobre a relação entre matéria e espírito.

> Na tentativa, se não de curar, ao menos de aliviar sua doença, Anne entrou em contato com alguns dos médicos e fisiologistas mais importantes de sua época: William Harvey recomendou-lhe uma trepanação, Robert Boyle preparou para ela o *Ens Veneris* e, além disso, ela também recebeu a visita de Thomas Willis, que, em 1662, foi cofundador da *Royal Society of Medicine* de Londres e precursor da neurologia moderna. Seja como for, a experiência de dor e sofrimento físico e mental teve uma influência significativa em sua filosofia, especialmente após seu contato, em 1670, com Francis Mercury van Helmont, filho do famoso paracelsista Johann Baptist van Helmont. More e Isabel da Boêmia convenceram o jovem van Helmont a visitar Anne para oferecer-lhe algum remédio que, em seu caso, assumiu um caráter espiritual, sob a premissa de que “se a alma adoece, o corpo adoece, e vice-versa”, como é afirmado no único livro que Anne escreveu. (Femênias, 2020, p. 99)

Essa visão holística do ser humano, onde o sofrimento físico é indivisível da dor espiritual, permeou as ideias que Conway desenvolveria em sua única obra publicada, chamada “Princípios da Filosofia Antiga e Moderna”, publicada em *latim,* no formato de 8 volumes, em Amsterdã após sua morte sob o nome de Van Helmont em 1690. E dois anos depois (1692), foi publicada em inglês, agora sendo anunciado no Prefácio que a autora da obra era “uma mulher culta além de seu sexo, muito versada em latim e grego e excessivamente conhecedora de todo tipo de filosofia”.

Em sua onde Anne expõe sua visão sobre o espírito e sua origem, defendendo a existência de três tipos de substâncias hierarquizadas: Deus, Cristo e a criatura, das quais a mais elevada é "Deus", a fonte de tudo; Cristo, de natureza "média", mas não completamente

imutável como Deus, mas também não inteiramente mutável como as criaturas, já que a sua mutabilidade é apenas em direção ao bem e, por último, as "criaturas", consideradas mutáveis e neutras.

> A enfermidade que Anne padeceu durante toda a sua vida a levou a refletir também sobre um conjunto de questões metafísicas derivadas dos “métodos científicos” de investigação e cura que lhe eram aplicados. Foi precisamente a experiência da dor que a obrigou a negar o dualismo corpo-alma à maneira cartesiana.(Femênias, 2020, p. 100-101)

A enfermidade levou Conway a questionar e revisar a concepção tradicional cartesiana que separa o corpo e a alma de maneira rígida, isto é, a visão dualista proposta por René Descartes, em que o corpo é tratado como uma "máquina" física e a alma como uma substância distinta e imaterial. E por esse motivo Anne criticou duramente o dualismo cartesiano que separava matéria e mente como substâncias distintas e irreconciliáveis, de acordo com Anne (2014, p. 101) "Como pode o espírito sofrer tão intensamente a dor do corpo? Porque, se não houvesse conexão entre ambos, tal experiência seria impossível? Por que então o espírito sofre quando o corpo sente dor? Seriam, acaso, de naturezas tão diferentes?". Ao vivenciar a dor e a constante presença da doença em sua vida, Anne se viu obrigada a repensar essa divisão dualista. A experiência da dor física, em sua condição doente, pode ter mostrado a ela que corpo e alma não são entidades separadas, como defendia Descartes, mas interconectadas de maneira mais complexa. A dor e o sofrimento físico vivenciados por Anne podem ser entendidos como experiências que envolvem tanto o corpo quanto a mente, sugerindo que a relação entre ambos não é de simples separação, mas de uma interdependência.

Essa concepção desafiava as teorias mecanicistas de Descartes e Hobbes, que viam o universo como uma máquina composta de partes desconectadas. Para Anne, a matéria não era inerte; possuía vitalidade e movimento intrínsecos, sendo permeada por uma força viva e espiritual. Sua visão ainda incluía uma hierarquia ontológica dinâmica, em que todas as substâncias derivavam de Deus, a fonte suprema de existência, essa hierarquia não era totalmente fixa; pois as criaturas poderiam transformar-se, passando de estados mais densos, como a matéria, para formas mais refinadas, como o espírito. Essa ideia de evolução espiritual desafiava as visões deterministas da época e trazia uma perspectiva integrada da existência, onde o divino e o material estavam em constante interação.

> Em sua obra, Anne Finch Conway busca conciliar duas forças aparentemente contrárias: por um lado, a doutrina da emanação e o vitalismo dos antigos (especialmente dos gregos, dos cabalistas e de Fílon de Alexandria); por outro, o mecanicismo da cosmovisão moderna, tornando-os compatíveis com a teologia cristã. Por isso, desde o início, ela aceita a existência de Deus como algo evidente (sem necessidade de prova ou demonstração) e destaca o papel de Cristo como "mediador" entre Deus e as criaturas no processo de emanação e criação. (Femênias, 2020, p. 101-102)

Interessada em religião e filosofia teológica, Anne se atraiu pelos estudos de Isaac Luria e depois pela doutrina Quaker, à qual se converteu em 1677. Na época, os quakers eram mal vistos na Inglaterra, geralmente temidos e sofriam perseguição religiosa e até encarceramento. Sua decisão de se converter tornou sua casa um centro de atividade Quaker e

fazer proselitismo ativamente era, portanto, particularmente ousado e corajoso. Conway também incorporou influências do neoplatonismo, do cabalismo e dos escritos herméticos em sua filosofia, essas tradições enfatizavam a espiritualidade inerente à criação e a conexão entre o humano e o divino. Sua abordagem filosófica, profundamente eclética, refletia a confluência de ideias renascentistas e modernas. Segundo Jennifer McRobert, Anne representa um amálgama das tradições filosóficas antigas e modernas, reinterpretando-as à luz de seu próprio contexto.

> Anne Conway apresenta sua filosofia como um amálgama dos antigos e dos modernos. Entretanto, caracterizar o que ela tira de inspiração dos antigos não é uma tarefa fácil. Ela é um Platonista mas no sentido mais amplo do Platonismo Renascentista que toma de empréstimo com o mesmo grau de entusiasmo tanto dos diálogos de Platão, as interpretações Neoplatônicas, quanto do misticismo cabalístico e de vários escritos herméticos. (Mcrobert, 2000, p. 23)

Ainda seguindo a linha de raciocínio proposta por Mcrobert (2000) acerca da filosofia de Conway, nós é claro que essa forma abrangente de Platonismo inclui influências dos textos Neoplatônicos que influenciaram a filosofia de Anne, enfatizando que a ideia de uma realidade hierárquica e a busca pelo retorno ao Uno, em junção com o misticismo cabalístico e escritos herméticos, são aspectos palpáveis durante as discussões filosóficas propostas por Conway, dito isso, a filosofia dela não é uma simples repetição das ideias de Platão ou dos Neoplatônicos, mas uma reelaboração criativa dessas tradições à luz de seu próprio contexto e interesses. Isso inclui uma preocupação profunda com questões metafísicas e espirituais, como a natureza da alma, a relação entre o divino e o mundo físico, e a busca por harmonia universal. Essas tradições, especialmente no Renascimento, foram reinterpretadas e incorporadas a uma visão cosmológica que enfatiza a conexão entre o divino e o humano, o espiritual e o material, oferecendo uma perspectiva mais integrada da existência. Anne Conway adota esse ecletismo intelectual com entusiasmo, demonstrando uma abertura para ideias que transcendem as barreiras tradicionais entre disciplinas. Ao integrar o misticismo cabalístico e os escritos herméticos, Anne também dialoga com tradições que enfatizam o papel do ser humano como um microcosmo do universo, um tema central em muitos textos do Renascimento. Esse enfoque reforça a ideia de que sua filosofia é profundamente conectada a uma visão espiritual e metafísica da realidade, onde o conhecimento não é apenas racional, mas também intuitivo e contemplativo.

Em seus últimos anos de sua vida, Anne organizou diversas reuniões filosóficas com seus amigos e colegas em sua residência, dedicando-se à escrita de seu tratado, no qual reuniu suas ideias filosóficas em um texto que foi considerado "um dos documentos filosóficos mais

originais, escritos por uma mulher". Filósofa e cientista, ela acreditava na existência de um princípio vital que não poderia ser explicado apenas por forças físicas, promovendo e desenvolvendo o vitalismo, que defende uma antítese irreconciliável entre entender a natureza como orgânica e viva ou vê-la como inorgânica e resultado de processos mecânicos.

Ainda é amplamente documentado que Anne teve uma expressiva influência para as ideias e a filosofia do filósofo alemão Gottfried Leibniz (1646-1716), especialmente no que diz respeito à sua teoria das mônadas. A relação entre os dois pensadores é particularmente visível no uso do termo "mônada", que embora tenha sido empregado de forma distinta por cada um, reflete uma influência mútua no campo da metafísica. Anne Conway, desenvolve uma filosofia como uma oposição ao mecanicismo rígido de Descartes e à visão atomista dos filósofos naturais da época; propondo uma visão do mundo mais dinâmica e cheia de vida, onde todas as coisas são imbuídas de um princípio vital e consciência, seguindo uma linha de pensamento que combina o espiritual com o material. Leibniz, por sua vez, foi profundamente influenciado por essa ideia de substâncias dinâmicas e por sua busca por uma explicação do universo que fosse composta por elementos indivisíveis e fundamentais. No entanto, em sua própria filosofia, Leibniz formulou a teoria das mônadas como entidades metafísicas simples, imutáveis e sem partes, mas que, de maneira única, refletem o universo de uma forma harmônica e preestabelecida.

O conceito de mônada de Leibniz compartilha significante semelhança com as ideias de Conway sobre a existência de substâncias espirituais e dinâmicas, que são conscientes e ativas. Mesmo que Leibniz tenha desenvolvido a sua teoria de maneira mais sistemática e abstrata, as mônadas de Conway e a ênfase que ela coloca na vida e na consciência de todas as coisas influenciaram a forma como Leibniz pensou sobre a natureza das substâncias. A concepção de Leibniz das mônadas como elementos simples e espirituais, que não têm interação física direta, mas sim comunicam-se por meio de uma harmonia preestabelecida, pode ser vista como uma adaptação de uma abstração das ideias de Conway sobre a vitalidade e a consciência presentes em todas as substâncias.

Mas apesar de ter sido uma importante influência para o desenvolvimento do vitalismo filosófico, e uma inspiração para os filósofos relacionados a esse movimento, Anne ainda teve as suas contribuições invisibilizadas, não sendo devidamente reconhecida como uma importante contribuinte para a filosofia moderna. E apesar de Leibniz tenha lhe dado crédito repetidas vezes como fonte de suas ideias em suas obras, sua obra continuou sendo

atribuída a Van Helmont até o final do século XIX, e foi necessário chegarmos ao século XX para contar com a primeira edição traduzida e comentada em inglês contemporâneo.

> Minha posição filosófica é muito próxima da última condessa de Conway, e mantenho uma posição intermediária entre Platão e Demócrito, pois sustento que todas as coisas acontecem mecanicamente, como dizem Demócrito e Descartes, em oposição à visão de H. More e seus seguidores. Mas sustento, ao mesmo tempo, que tudo ocorre de acordo com um princípio vital e com causas finais, que todas as coisas estão imbuídas de vida e consciência, de forma contrária à visão dos atomistas. (Merchant, 1979, p. 255)

A filosofia de Anne Conway, embora pouco reconhecida em sua época, antecipou debates modernos sobre interconexão, espiritualidade e a relação entre ciência e metafísica. Suas ideias influenciaram pensadores como Leibniz, cuja teoria das mônadas ressoa com a concepção conwayana de substâncias dinâmicas e interconectadas. Apesar de seu reconhecimento limitado, Conway exemplifica como as mulheres, muitas vezes em condições adversas, contribuíram significativamente para a história da filosofia. Sua obra única é um testemunho da riqueza e diversidade dessa história, desafiando as narrativas tradicionais e abrindo espaço para redescobrir aquelas que foram injustamente esquecidas.

4.2 Rita M. Radl Philipp - Reflexões Filosóficas sobre a Educação e a Violência de Gênero

A migração da filosofia moderna para a contemporânea representa um dos momentos mais transformadores da história do pensamento ocidental. Esse processo, que se intensificou entre o final do século XVIII e o início do século XIX, envolveu uma revisão crítica das bases epistemológicas, éticas, políticas e metafísicas estabelecidas pelos modernos, acompanhada pela emergência de novas perspectivas e problematizações; essa transição não se deu de forma abrupta, mas sim por meio de uma dialética entre ruptura e continuidade de ideias e pensamentos, com desafios filosóficos que moldaram as questões centrais da contemporaneidade.

A filosofia moderna, que se estende aproximadamente do século XVII ao final do século XVIII, é caracterizada por sua ênfase no racionalismo e no empirismo como fundamentos do conhecimento. Grandes pensadores como René Descartes, Immanuel Kant, John Locke e David Hume buscaram explorar as bases da razão, da experiência e da subjetividade. Esse período é dominado por questões epistemológicas e metafísicas. No

entanto, ao final do período moderno, surgem sinais de insatisfação com a abordagem iluminista e suas limitações. As ideias de Kant, por exemplo, começam a ser questionadas por filósofos que enfatizam aspectos que ele não abordou diretamente, como a história, a cultura e as dimensões sociais do conhecimento.

Segundo Bernadette Siqueira Abrão (2004), a filosofia contemporânea é caracterizada por uma pluralidade de correntes, abordagens e diálogos interdisciplinares que refletem as complexidades do mundo moderno. Situada cronologicamente a partir do final do século XIX e se consolidando no século XX, ela surge como resposta às transformações sociais, políticas, científicas e culturais, marcadas por eventos como a Revolução Industrial, as guerras mundiais, as revoluções científicas e tecnológicas, assim como a globalização. Seu escopo vai além da reflexão puramente teórica, buscando engajar-se com questões práticas e éticas que emergem em um mundo em constante mudança.

A filosofia contemporânea não se restringe a apenas uma única tradição ou paradigma filosófico, em vez disso, ela é marcada pela coexistência de diversas escolas de pensamento, muitas vezes em diálogo ou confronto, dentre as correntes que mais se destacam no contexto atual da filosofia contemporânea estão: fenomenologia e existencialismo, a filosofia analítica, a teoria crítica, a filosofia política e ética contemporânea e feminismo e teoria queer. A filosofia contemporânea enfrenta desafios significativos, como a fragmentação do saber, a crise das narrativas universalistas e a dificuldade de engajar-se com um público mais amplo. Agora que já nos situamos na composição do que seria a filosofia contemporânea, iremos partir para o cânone desta seção, a filósofa que iremos conhecer ou ao menos reconhecer, Rita Maria Radl Philipp.

Rita Maria Radl-Philipp, nascida em 24 de junho de 1952, é uma filósofa contemporânea, socióloga e pesquisadora alemã amplamente reconhecida por sua investigação sobre as interseções entre educação, violência de gênero e justiça social. Seu trabalho constitui uma crítica às dinâmicas de poder e desigualdade que dominam os contextos educacionais e sociais, expondo as estruturas de opressão de gênero e propondo caminhos necessários para uma transformação emancipatória no futuro.

Crescendo em um ambiente marcado por profundas desigualdades sociais e culturais, Philipp, ainda adolescente, enfrentou o paradoxo de um sistema educacional que prometia emancipação, mas frequentemente promovia isolamento e privilégios. Essas experiências

pessoais tiveram uma influência significativa em sua filosofia, levando-a a questionar toda uma ordem social que marginaliza mulheres e minorias, negando-lhes plena participação na sociedade.

Philipp obteve seu bacharelado em Filosofia e Ciências da Educação e seu doutorado na Universidade de Santiago de Compostela, na Espanha. Atualmente, é professora titular no Departamento de Ciência Política e Sociologia dessa mesma universidade. Paralelamente, também leciona na Universidade Johann Wolfgang Goethe, em Frankfurt, onde ministra palestras sobre Sociologia de Gênero. No Brasil, ela faz parte do Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), demonstrando assim seu compromisso com contextos educacionais internacionais.

Sua trajetória como pesquisadora é caracterizada por uma abordagem interdisciplinar, que une sociologia, filosofia e estudos de gênero. Com base em sua experiência como ativista em movimentos sociais feministas, Philipp trabalha para o reconhecimento dos saberes das mulheres e para o combate à violência de gênero. Suas vidas acadêmica e política estão profundamente entrelaçadas, evidenciando um compromisso constante com a mudança social e a justiça.

Um dos pilares fundamentais da obra de Radl-Philipp é a educação, que para ela não se trata somente de um processo de transmissão de informações, mas de um espaço para a construção de subjetividades e relações de poder. Inspirando-se nas ideias de Paulo Freire, Philipp defende que a pedagogia crítica, voltada para o desenvolvimento do pensamento crítico, deve ser a base da educação. No entanto, ela também afirma que as dinâmicas próprias do gênero estão entre os elementos frequentemente ignorados no campo educacional, o que limita o impacto necessário dessas pedagogias nos processos de transformação humana.

Por outro lado, Philipp sustenta que o sistema educacional é responsável por promover desigualdades de gênero, pois é ele que reforça estereótipos e papéis sociais que colocam as mulheres em uma posição secundária tanto social quanto intelectualmente.

Segundo ela, os currículos escolares tradicionais, por exemplo, frequentemente ignoram as contribuições das mulheres nos campos da ciência, filosofia e cultura, criando assim uma lacuna simbólica que marginaliza as vozes femininas. Por isso, seus escritos buscam ampliar a concepção de educação, propondo uma abordagem inclusiva e

transformadora que reconheça as diversas experiências das mulheres e de outros grupos marginalizados.

Em seu livro *"Violência de Gênero: Uma Perspectiva Transcultural"* (2014), Philipp analisa como a violência baseada em gênero é um fenômeno que atravessa os limites culturais e geográficos, manifestando-se de formas específicas em diversos contextos culturais. Ela utiliza uma abordagem que combina o universal e o particular, examinando tanto as origens comuns da violência quanto as sutilezas culturais que a moldam. Philipp acredita que a violência de gênero funciona como um mecanismo de controle presente tanto nas relações interpessoais quanto nas estruturas sociais e institucionais.

A autora, inspirando-se na ideia do feminismo interseccional, analisa como as categorias de raça, classe e orientação sexual se entrelaçam com o eixo do gênero para formar a experiência de opressão. Ela questiona as concepções de que "a violência de gênero é meramente um problema pessoal ou cultural" e propõe uma análise estrutural e sistêmica. Segundo Philipp, essa violência tem origem em práticas cotidianas e em instituições como o sistema educacional, que, à primeira vista, parecem neutras. Em sua filosofia, essas práticas devem ser desnaturalizadas, para que os mecanismos de poder que as tornam possíveis sejam expostos.

No artigo publicado na Revista Innovacion Educativa, sobre Identidad, Identidad de Género y Educación Phillip e Medeiros (2016) explicam:

> Cuando hablamos de las identidades de género nos referimos a un aspecto esencial, muy delimitado, de nuestra identidad que, no obstante, fundamenta de forma determinante lo que somos en tanto que personas. El vocablo *identidad*, del latín *identĭtas* o *identitātis* tiene, tal y como refiere el diccionario de la RAE, la noción de "el mismo" o "lo mismo"; este diccionario nos da además cuatro significados que aluden a una óptica social de clasificación por una parte, y a una de autopercepción o autoconcepto del sujeto, por otra. (Phillip, Rita Radh, MEDEIROS, Shirlene S.Mafra, 2016, p. 127)

As autoras explicam que, ao abordar as concepções de identidades de gênero, referimo-nos a um aspecto essencial e bastante específico de nossa identidade que, no entanto, fundamenta de maneira determinante aquilo que somos enquanto pessoas. O vocábulo "identidade", proveniente do latim *identĭtas* ou *identitātis*, carrega, conforme indica

o dicionário, a noção de “si mesmo” ou “a mesma coisa”. Além disso, o mesmo dicionário apresenta quatro significados que apontam, de um lado, para uma ótica social de classificação e, de outro, para a autopercepção ou o autoconceito do sujeito.

Ao analisar as concepções de identidade formuladas por filósofas e a invisibilidade que recai sobre elas, percebe-se a complexidade que envolve as próprias mulheres em assumirem suas identidades. A luta pelo reconhecimento do papel das mulheres na sociedade, bem como de suas contribuições à filosofia, é de suma importância para a conquista de um espaço no pensamento filosófico. Essa luta é essencial para que as mulheres possam afirmar sua auto identificação como filósofas e, consequentemente, promover a valorização de suas produções filosóficas, em especial nos sistemas educacionais.

Também na obra *“Educación, género y dinámicas sociales diversas en el contexto transnacional”* (2016), Philipp discute o papel da educação na construção da igualdade de gênero e da justiça social em um mundo globalizado. O livro examina como a educação pode ser simultaneamente uma fonte de desigualdade e um agente de mudança para estruturas sociais opressoras, argumentando que, para construir sociedades mais justas, é essencial adotar uma abordagem educacional fundamentada nos valores de diversidade, justiça social e igualdade de gênero.

> As políticas de igualdade para as mulheres e de gênero, assim como sua conceituação, estão aparentemente presentes como uma questão central no debate político de muitos países, particularmente no contexto americano e europeu. Atualmente, e não apenas devido às severas crises econômicas que caracterizam este período, persistem nesse debate, repetidas vezes, posturas que excluem ideias que destacam a relevância do trabalho de cuidado historicamente associado ao coletivo de mulheres. Em vez disso, adotam uma concepção de racionalidade tradicionalmente conectada ao gênero masculino e à sua definição de ações, do mundo e do trabalho. (Philipp, 2016, p. 38, 39)

Rita aponta que, apesar das aparências, o debate político em torno da igualdade de gênero continua permeado por concepções que privilegiam valores e práticas associadas ao gênero masculino, enquanto desvalorizam ou excluem aspectos historicamente ligados ao papel das mulheres, como o trabalho de cuidado. Do ponto de vista filosófico, essa reflexão pode ser interpretada como uma crítica às bases epistemológicas e éticas das políticas

contemporâneas de igualdade. Philipp revela como essas políticas frequentemente se fundamentam em uma visão reducionista de racionalidade, que exclui formas de conhecimento, práticas e valores tradicionalmente atribuídos às mulheres, como o cuidado, a empatia e a interdependência. Essa racionalidade, historicamente associada ao masculino, está enraizada na ideia de objetividade e na valorização da autonomia e da produtividade, enquanto ignora dimensões relacionais e afetivas da existência humana.

Ao destacar a questão do cuidado, Philipp revela que as políticas de igualdade tendem a reproduzir uma hierarquia de valores que marginaliza e inferioriza o que é considerado "feminino", mesmo enquanto busca promover a igualdade formal. O trabalho de cuidado, ligado às mulheres por construções culturais e históricas, não é apenas invisibilizado, mas também desvalorizado economicamente e socialmente. Para a filósofa, esse quadro perpetua desigualdades, pois essas políticas que promovem a igualdade falham ao reconhecer a importância do cuidado como uma dimensão essencial da vida e da organização social. Filosoficamente, essa crítica dialoga com correntes como o feminismo interseccional e o feminismo ético do cuidado, que denunciam como as estruturas sociais e econômicas privilegiam uma visão parcial da humanidade, e não levam em conta um contexto pluralizado e complexo. Dito isso, Philipp tenta propor só se é possível alcançar um verdadeiro avanço na igualdade de gênero, não é necessário apenas a inclusão das mulheres em esferas tradicionalmente masculinas, mas também a revalorização dos papéis historicamente associados a elas. Isso demanda uma reconceituação radical da racionalidade e da justiça, que leve em conta a interconexão, a dependência mútua e o valor intrínseco do cuidado como prática social e ética.

> Concretamente, as políticas de igualdade, ao considerar a dimensão da educação e da socialização humana, deveriam finalmente conceder relevância, não apenas retórica, à questão transversal de gênero e à sua inclusão no mainstream. Somente a gênese de novas identidades de gênero pode abrir caminho para condições sociais equitativas em termos de gênero. Por esse motivo, impõe-se a necessidade de adotar uma visão equitativa em relação às identidades feminina e masculina, compreendendo que ambos os gêneros, isto é, homens e mulheres, necessitam de novos horizontes e valorizações no que diz respeito aos papéis sociais desempenhados por eles, até mesmo às orientações relacionais de cuidado humano que têm sido historicamente e coletivamente definidoras para as mulheres – um aspecto

> amplamente negligenciado no sistema educacional geral, obrigatório e público, cuja responsabilidade, na maioria dos países, recai sobre o Estado (Philipp, 2016, p. 56-57).

Radl-Philipp destaca a importância de uma abordagem filosófica crítica ao discutir as políticas de igualdade de gênero e suas implementações práticas, sobretudo no campo da educação e da socialização humana. Expondo que só se é possível alcançar uma equidade de gênero expressivamente relevante, quando se transcende as limitações retóricas e simbólicas que caracterizam tais políticas, integrando-as de maneira efetiva ao mainstream. Isso implica reconhecer o gênero como uma questão transversal que permeia todas as esferas sociais e que é abordada de forma sistemática e inclusiva.

Se é claramente necessário que se haja uma transformação profunda das identidades de gênero, propondo a composição de novos paradigmas que rompam com as dicotomias tradicionais e hierárquicas que têm definido historicamente os papéis de homens e mulheres. Essa mudança não deve ser entendida como um processo unilateral de emancipação feminina, mas como uma reconfiguração que inclui tanto homens quanto mulheres na criação de novos horizontes de valor. Tal proposta filosófica exige uma revisão crítica dos papéis sociais associados a cada gênero, bem como das dinâmicas relacionais de cuidado humano que se mostram como essenciais para uma convivência mais justa e solidária.

Philipp ainda enfatiza que o sistema educacional, sobretudo o público e obrigatório, desempenha um papel crucial nesse processo. Contudo, critica o como as políticas educacionais muitas vezes negligenciam aspectos centrais da socialização de gênero, ignorando as contribuições das mulheres e, mais amplamente, as orientações de cuidado humano. A educação tem sido tradicionalmente estruturada de maneira a reforçar estereótipos de gênero, perpetuando uma visão limitada e hierárquica das identidades e relações sociais. Essa lacuna, segundo a autora, reflete não apenas uma falha estrutural, mas também uma omissão ética, dado que a responsabilidade pela formação dos indivíduos recai sobre o Estado.

Rita ainda critica filosoficamente a forma como à concepção de racionalidade predominante nas políticas e práticas sociais, está implicitamente associada historicamente ao masculino, desvalorizando as práticas de cuidado e as habilidades interpessoais, reduzindo-as a uma dimensão secundária ou invisível nas estruturas institucionais. Philipp indica, nesse

sentido, que a inclusão dessas práticas e valores no sistema educacional é essencial para desconstruir desigualdades e promover uma visão mais ampla e equitativa da humanidade.

Em última análise, a abordagem de Philipp sugere que a construção de condições sociais equitativas exige uma reavaliação profunda de como educamos e socializamos as futuras gerações. A transformação de identidades de gênero deve ser acompanhada de mudanças institucionais e políticas que buscam valorizar igualmente as contribuições de homens e mulheres e que reconheçam o cuidado humano como uma dimensão fundamental da existência coletiva. Essa visão filosófica aponta para uma educação que não apenas transmite conhecimento, mas também constrói subjetividades críticas e capazes de contribuir para uma sociedade mais justa e inclusiva.

Philipp também investiga como o processo de globalização afeta as dinâmicas educacionais e sociais, criando novos desafios e, ao mesmo tempo, oportunidades para o combate às desigualdades de gênero. Em nível transnacional, as escolas precisam lidar com questões como migração, multiculturalismo e desigualdades globais, o que deve resultar em uma compreensão mais inclusiva das diferenças culturais e de gênero. A autora prioriza a necessidade de repensar o sistema educacional por meio da incorporação de uma perspectiva de gênero que valorize a diversidade, em vez de reforçar estereótipos. Philipp aponta que, mesmo de forma não intencional, práticas pedagógicas desse tipo podem sustentar visões que colocam as mulheres como inferiores e promover a segregação.

Philipp oferece uma contribuição significativa ao pensamento contemporâneo ao abordar questões de gênero de forma interdisciplinar e contextual. Sua obra ilumina as maneiras pelas quais estruturas culturais, sociais e educacionais perpetuam desigualdades, enquanto oferece estratégias para promover transformação e justiça social. Ao combinar filosofia, sociologia e estudos de gênero, Philipp cria uma abordagem rica e multifacetada que tem implicações práticas e teóricas para a luta pela igualdade de gênero em um mundo globalizado.

5 CONCLUSÕES FINAIS

Ao longo desta pesquisa, procuramos rememorar e valorizar as contribuições das mulheres filósofas, cujas vozes eram frequentemente silenciadas ou marginalizadas, mas que desempenharam um papel essencial na construção e evolução do pensamento filosófico. A partir de uma análise histórica e filosófica que abrange desde a Antiguidade até a contemporaneidade, foi possível identificar não apenas as barreiras impostas a essas mulheres, mas também os seus esforços notáveis para superar a exclusão e deixar um legado intelectual significativo.

Inspirando-se nos fundamentos teóricos de Paul Ricoeur e suas reflexões sobre memória e esquecimento, esta monografia evidenciou como a narrativa histórica frequentemente atuou como um instrumento de invisibilidade para as contribuições femininas. A exclusão das mulheres do cânone filosófico não é meramente uma questão de negligência histórica, mas um reflexo de estruturas sociais e acadêmicas que privilegiaram a voz masculina como única e legítima. Entretanto, ao revisitarmos e reconstituirmos essas memórias, resgatando não apenas as figuras femininas esquecidas, mas também promovemos uma compreensão mais inclusiva e abrangente da filosofia.

As filósofas abordadas neste estudo, como Aspásia de Mileto, Hildegarda de Bingen, Marguerite Porete e tantas outras, demonstraram que as barreiras de gênero, por mais opressivas que tenham sido, não foram capazes de apagar suas contribuições para o pensamento humano. Elas desafiaram as normas de suas épocas, construíram saberes relevantes e mostraram que a filosofia é um espaço de diálogo universal, onde todas as vozes merecem ser ouvidas.

É imperativo que continuemos o trabalho de resgate e valorização das filósofas, integrando suas ideias e perspectivas ao discurso filosófico contemporâneo, e ao fazê-lo enriquecemos não apenas o campo acadêmico, mas também o próprio tecido cultural e social que se beneficia de uma pluralidade de vozes e experiências. Além disso, o reconhecimento das mulheres na filosofia não é apenas uma questão de justiça histórica, mas também um passo essencial para a construção de uma filosofia mais inclusiva, que reflita a diversidade da condição humana.

Por fim, esta pesquisa é um convite à reflexão e à continuidade do debate sobre o papel das mulheres na filosofia. Propondo um olhar crítico e propositivo sobre o papel das mulheres na filosofia, incentivando a reconstrução de narrativas que incluam suas vozes e experiências. Este esforço não é apenas um ato de justiça histórica, mas também uma maneira de promover o avanço do pensamento filosófico contemporâneo, ampliando suas bases para incluir a riqueza das perspectivas femininas. O resgate das memórias dessas filósofas é um convite à reflexão sobre o impacto do passado no presente e à construção de um futuro filosófico mais equitativo. Afinal, como Paul Ricoeur (2012) e Medeiros (2016) nos lembram, a memória é um elemento essencial para a construção de nossa identidade; ao relembrar e valorizar as mulheres filósofas, estamos também reescrevendo e enriquecendo nossa própria história e identidade coletiva.

REFERÊNCIAS

ABRÃO, Bernadette Siqueira. **História da Filosofia.** São Paulo, Nova Cultural, 2004.

ANDRADE, Marta Mega de. in: **Enciclopédia mulheres da filosofia.** Disponível em: Aspásia de Mileto – Mulheres na Filosofia (unicamp.br). Acesso em: 14 de Mar. 2024.

ARAÚJO, Aline Karoline da Silva et al. (Org.). **Manual de normalização de trabalhos acadêmicos da UERN**. Mossoró: Edições UERN, 2024.

ARAÚJO, Carolina. DEPLAGNE, Luciana. NOGUEIRA, Maria Simone Marinho. **Pequenos ensaios sobre grandes filósofas.** Campina Grande, EDUEPB, 2024.

ASPIS, Renata Lima. **Ensinar Filosofia:** um livro para professores. Renata Lima Aspis, Silvio Gallo. São Paulo, Atta mídia e Educação, 2009.

BBC. **Quem eram as beguinas, mulheres que viviam em comunidades sem homens na Idade Média.** Disponível em: Quem eram as beguinas, mulheres que viviam em comunidades sem homens na Idade Média - BBC News Brasil. Acesso em: 23 de Outubro de 2024.

BUENO, André. **Ban Zhao**. Blogs de Ciência da Universidade Estadual de Campinas: Mulheres na Filosofia, V. 7, N. 3, 2022. Disponível em: Ban Zhao – Mulheres na Filosofia (unicamp.br. Acesso em: 19 de Agosto de 2024.

CONWAY, Anne. **Os Princípios da Filosofia Mais Antiga e Moderna.** tradução de Maria Leonor Telles, Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2010.

COSTA, Marcos Roberto Nunes; COSTA, Rafael Ferreira. **Mulheres intelectuais na idade média:** entre a medicina, a história, a poesia, a dramaturgia, a filosofia, a teologia e a mística. Porto Alegre, Editora Fi, 2019.

DEPLAGNE, Luciana Calado. **Querelle des Femmes:** Mapeamento em Português, Blogs de Ciência da Universidade Estadual de Campinas: Mulheres na Filosofia. Disponível em: Querelle des Femmes: Mapeamento em Português – Mulheres na Filosofia. Acesso em: 17 de Setembro de 2024.

DREW, Jennifer. **Os primeiros cientistas do sexo feminino.** Disponível em: Mês da História da Mulher | descobrindo|celebrando|empoderando (wordpress.com). Acesso em: 15 de Setembro de 2024.

Enciclopédia Significados. **Contemporâneo.** Disponível em: Significado de Contemporâneo (O que é, Conceito e Definição) - Enciclopédia Significados. Acesso em 04 de Outubro de 2024.

FEMENIAS, María Luisa. **Ellas lo pensaron antes:** filósofas excluidas de la memoria. 1a ed, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Ediciones Lea, 2020.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber.** Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2008.

GRIMAL, Pierre. **A Mitologia Grega.** Tradução de Victor Jabouille. Portugal: Europa-América, s/d.

HUTTON, Sarah. **Lady Anne Conway**. Stanford Encyclopedia of Philosophy, 2014.

HUTTON, Sarah. **Anne Conway:** A Woman Philosopher, Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

JAPIASSÚ, Hilton. MARCONDES, Danilo. **Dicionário Básico de Filosofia.** São Paulo, Zahar, 1990

HONNETH, Axel. **Luta por reconhecimento:** a gramática moral dos conflitos sociais. 1. ed. São Paulo, Editora 34, 2003.

MCROBERT, Jennifer. **Anne Conway's Vitalism and Her Critique of Descartes.** In International Philosophical Quarterly, 2000.

MERCHANT, Carolyn. **The vitalism of Anne Conway:** It´s impact on Leibniz's concept of the Monad", Journal of the History of Philosophy, volume 17, number 3, 1979.

MEDEIROS, Shirlene Santos Mafra. **Memória e Identidade Social da Formação Docente em Rio de Contas-BA, nas décadas de 1920 a 1960:** reminiscências das educadoras e educadores da Cátedra à Universidade. 2016. Tese (Doutorado em Memória: Linguagem e Sociedade) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista/BA, 2016.

MÉNAGE, Gilles. **Historia De Las Mujeres Filósofas.** Herder Editorial, s. l., Barcelona, 2009.

PACHECO, Juliana. **Filósofas:** a presença das mulheres na filosofia. São Paulo, Editora Unesp, 2016.

PACHECO, Juliana. **Mulher e filosofia:** as relações de gênero no pensamento filosófico. São Paulo, Editora Unesp, 2015.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres.** São Paulo, Editora Contexto, 2007.

PHILIPP, Rita M. Rald. MAGALHÃES, Lívia Diana Rocha. **Educación, género y dinámicas sociales diversas en el contexto transnacional**/Education, gender and diverse social processes in the transnational context. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, Servizo De Publicacións E Intercambio Científico, 2016.

PHILIPP, Rita M. Rald , MEDEIROS, Shirlene Santos Mafra. **Identidades, Género Y Educación:** Memoria Educativa Y La Formación Social De La Identidad En Educadoras En Brasil. Innovación Educativa, N.º 26, 2016: Pp. 125-142.

PHILIPP, Rita M. Rald. SILVA, M. Conceição Fonseca. **Violencia contra las mujeres: perpectivas transcutulares**/Violence against women: cross cultural perspectives. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, Servizo De Publicacións E Intercambio Científico, 2014.

PLATÃO. **Os pensadores.** 5. ed. São Paulo : Nova Cultural, 1991.

PUGLIESE, Nastassja. **Anne Conway.** Disponível em: Anne Conway – Mulheres na Filosofia. Acessado em: 14 de Novembro de 2024.

REALE, Giovanni. **História Da Filosofia:** filosofia pagã antiga, v. 1. Paulus, São Paulo, 2003a.

REALE, Giovanni. **História Da Filosofia:** patristica e escolastica, v. 2. Paulus, São Paulo, 2003b.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento.** Tradução de Alain François. 19. ed. Campinas, São Paulo, Editora UNICAMP, 2012.

RICOEUR, Paul. **Percurso do reconhecimento.** Edições Loyola, São Paulo, 2006.

RODRIGUES, Daniely Medeiros. **Dicionário das filosofas mulheres.** (Prelo)

Significado, definições e exemplos. **Coetâneo.** Disponível em: Coetâneo - Significado, definições e exemplos (significadosdepalavras.com) Acesso em 04 de Outubro de 2024.

SOUZA, José Cavalcante de. **Os pré-socráticos:** fragmentos, doxografia e comentários. São Paulo, Abril Cultural, 2000.

STROHMEYR, Armin. **Dez mulheres filósofas:** e como suas ideias marcaram o mundo. 1. ed., Rio de Janeiro, Record, 2022.

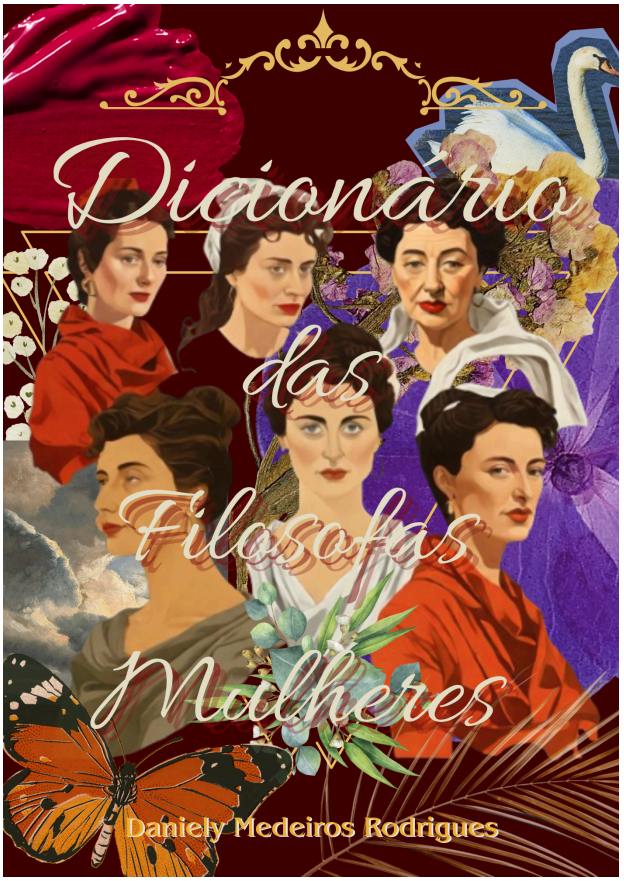
WIKIPÉDIA. **Metecos.** Disponível em: Metecos – Wikipédia, a enciclopédia livre (wikipedia.org. Acesso em 10 de Setembro de 2024.

WIKIPÉDIA. **Asma bint Marwan.** Disponível em: Asma bint Marwan – Wikipédia, a enciclopédia livre (wikipedia.org). Acesso em: 18 de Agosto de 2024.

WIKIPEDIA. **Elã vital.** Disponível em: Elã vital – Wikipédia, a enciclopédia livre. Acesso em: 29 de Outubro de 2024.

APÊNDICE

Dicionário das Filosofas Mulheres



]https://drive.google.com/file/d/1cxxsyIdfSSN3TIroAb1e1H5RL8mayXQp/view?usp=drive_link